Agatha Christie

O MISTÉRIO DOS TRÊS PEDAÇOS

POR

SOPHIE HANNAH

Tradução

André Gordirro

Harper Collins

Rio de Janeiro, 2021

Material com direitos autorais

Para Faith Tilleray,
que foi muito além do que se espera e me ensinou muito

Material com direitos autorais

Agradecimentos

Sou muito grata às seguintes pessoas:

James Prichard, Mathew Prichard e todos na Agatha Christie Limited; David Brawn, Kate Elton e todos na HarperCollins UK; meu agente Peter Straus e sua equipe na Rogers, Coleridge & White; meus maravilhosos editores na William Morrow, em Nova York, e todos os meus editores do Poirot do mundo inteiro, que ajudaram a distribuir os livros por toda parte; Chris Gribble, que leu e se entusiasmou num momento inicial crucial; Emily Winslow, que fez sugestões editoriais meticulosas e inestimáveis, como sempre; Jamie Bernthal-Hooker, que fez um milhão de coisas úteis, desde a revisão de provas até a pesquisa e troca de ideia sobre o título; Faith Tilleray, que criou um novo site impressionante para mim e depois se tornou meu guru de marketing; minha família — Dan, Phoebe, Guy... e Brewster, em especial nesta ocasião, por motivos que ficarão claros para quem ler o livro!

Obrigado a Melanie Vout e Ian Manson, os vencedores da competição que criaram os nomes Peter Vout e Hubert Thrubwell, respectivamente. Ambos são nomes maravilhosos! Um enorme obrigado, também, a todos os leitores que amaram

Material com direitos autorais

Os crimes do monograma, *Caixão fechado* e meus outros livros, e escreveram/twittaram/mandaram mensagens para mim — o entusiasmo de vocês faz tudo valer a pena.

Material com direitos autorais

Sumário

O PRIMEIRO PEDAÇO

1. Poirot é acusado
2. Provocação intolerável
3. A terceira pessoa
4. Um elemento discrepante?
5. Uma carta com um buraco
6. Rowland Forca
7. Um velho inimigo
8. Poirot passa algumas instruções
9. Quatro álibis

O SEGUNDO PEDAÇO

10. Algumas perguntas importantes
11. Verde-esmeralda
12. Muitos álibis arruinados
13. Os ganchos
14. Na Mansão Combingham
15. A cena do possível crime
16. O Homem Que Teve a Oportunidade
17. O truque de Poirot

Material com direitos autorais

18. A descoberta de Mrs. Dockerill
19. Mais quatro cartas

O TERCEIRO PEDAÇO

20. As cartas chegam
21. O Dia das Máquinas de Escrever
22. O quadrado amarelo solitário do bolo
23. Com intenção de prejudicar
24. Inimigos antigos
25. Poirot retorna à Mansão Combingham
26. A experiência com a máquina de escrever
27. A pulseira e o leque
28. Uma confissão nada convincente
29. Um ente inesperado
30. O Mistério dos Três Pedaços

O QUARTO PEDAÇO

31. Um bilhete para Mr. Porrott
32. Onde está Kingsbury?
33. As marcas na toalha
34. Rebecca Grace
35. Lealdade familiar
36. O verdadeiro culpado
37. O testamento
38. Rowland Sem Forca
39. Uma nova máquina de escrever

Material com direitos autorais

Material com direitos autorais

Capítulo 1

Poirot é acusado

Hercule Poirot sorriu para si mesmo quando o motorista parou o automóvel com satisfatória simetria. Sendo amante da disciplina e da ordem, Poirot gostou do alinhamento perfeito do veículo com as portas de entrada da Mansão Whitehaven, onde ele morava. Era possível traçar uma linha reta do meio do automóvel até o ponto exato em que as portas se encontravam.

O almoço do qual retornava tinha sido um *très bon divertissement*: comida e companhia da melhor qualidade. Ele desceu do veículo, agradeceu calorosamente ao motorista e estava prestes a entrar quando teve uma sensação peculiar de que (era assim que Poirot dizia para si mesmo) alguma coisa atrás dele exigia sua atenção.

Ao se virar, Poirot não esperou avistar nada fora do comum. Era um dia ameno para fevereiro, mas talvez uma brisa tremulasse levemente o ar.

Ele logo percebeu que o distúrbio não havia sido causado pelo clima, embora a mulher bem vestida que se aproximava a passos rápidos, apesar do casaco e do chapéu azul-claro elegantes, se assemelhasse a uma força da natureza. "Um redemoinho violentíssimo", Poirot murmurou para si mesmo.

Material com direitos autorais

Ele não gostou do chapéu. Poirot tinha visto mulheres na cidade usando modelos semelhantes: pequenos, sem ornamentos, colados ao couro cabeludo como toucas de banho feitas de tecido. Um chapéu deve ter uma aba ou algum tipo de ornamento, pensou Poirot. Deveria ao menos fazer algo mais do que cobrir a cabeça. Sem dúvida ele logo se acostumaria com os modelos mais modernos — e então, uma vez que tivesse se acostumado, a moda mudaria, como sempre.

Os lábios da mulher vestida de azul formaram um beicinho, mas não emitiram som. Era como se ela ensaiasse o que diria quando finalmente chegasse ao lado de Poirot. Não havia dúvida de que era ele o alvo da mulher. Ela parecia determinada a fazer algo desagradável com Poirot assim que estivesse perto o suficiente. Poirot deu um passo para trás enquanto a mulher marchava em sua direção, um movimento que ele só conseguiu imaginar como um estouro de boiada — embora uma boiada de um só boi.

O cabelo da mulher era castanho-escuro e lustroso. Quando parou abruptamente diante dele, Poirot viu que ela não era tão jovem quanto parecia ao longe. Não, tinha mais de 50 anos; talvez até 60. Uma dama na meia-idade, especialista em esconder as rugas do rosto. Os olhos eram de um azul impressionante, nem claro nem escuro.

— O senhor é Hercule Poirot, não é? — perguntou no mais alto dos sussurros.

Poirot notou que a mulher queria transmitir raiva de modo discreto, embora não houvesse ninguém por perto.

— *Oui*, madame. Sou eu mesmo.

Material com direitos autorais

— Como o senhor se *atreve*? Como se *atreve* a me enviar uma carta dessas?

— Madame, perdoe-me, mas creio que não nos conhecemos.

— Não banque o inocente *comigo*! Eu sou Sylvia Lay. Como o senhor sabe muitíssimo bem.

— Agora sei, mas só porque a senhora me disse. Um momento atrás não fazia ideia. A senhora se referiu a uma carta...

— O senhor vai me forçar a repetir em um local público a difamação que fez a meu respeito? Muito bem, que assim seja. Recebi uma carta hoje de manhã. Uma carta muito nojenta e deplorável, assinada pelo *senhor*. — Ela golpeou o ar com um dedo indicador que teria cutucado Poirot no peito se ele não tivesse desviado.

— *Non*, madame... — Poirot tentou contestar, mas a tentativa de objeção foi rapidamente demolida.

— Neste arremedo de carta, o senhor me acusou de assassinato. *Assassinato!* Eu! Sylvia Lay! O senhor alegou que poderia provar minha culpa e me aconselhou a ir imediatamente à polícia e confessar meu crime. Como o senhor se *atreve*? O senhor não pode provar nada contra mim pelo simples fato de que sou inocente. Não matei ninguém. Eu sou a pessoa com menos tendências à violência que já conheci. E nunca ouvi falar de um tal de Barnabas Pandy!

— Um tal de Barnabas...

— É monstruoso que o senhor *me* acuse, logo eu! Simplesmente monstruoso. Não vou aceitar isso. Gostaria de

Material com direitos autorais

falar com meu advogado sobre esse assunto, só que não quero que ele saiba que passei por tamanha difamação. Talvez eu vá à polícia. As críticas que sofri! O insulto! Uma mulher da minha posição social!

Sylvia Lay continuou falando nesses termos por algum tempo. Houve muita chiadeira em sua fala sussurrada e agitada. Fez Poirot pensar nas cachoeiras barulhentas e turbulentas que visitara em suas viagens: impressionantes de assistir, mas aterradoras por serem implacáveis. O fluxo de água nunca parava.

Assim que pôde se fazer ouvir, ele disse:

— Madame, por favor, aceite minha garantia de que não escrevi tal carta. Se a senhora recebeu, ela não foi enviada por mim. E também nunca ouvi falar de Barnabas Pandy. Esse é o nome do homem que a senhora é acusada de assassinar pelo remetente da carta?

— Foi o *senhor* que a escreveu e não me provoque ainda mais fingindo que não. Eustace o convenceu a fazer isso, não foi? Vocês dois sabem que não matei ninguém, que sou tão inocente quanto é possível um ser humano ser! O senhor e Eustace elaboraram um plano para me tirar do sério! É exatamente o tipo de coisa que ele faria, e sem dúvida Eustace dirá mais tarde que foi tudo uma brincadeira.

— Não conheço nenhum Eustace, madame. — Poirot continuou esforçando-se ao máximo, embora estivesse claro que nada do que dizia fazia a menor diferença para Sylvia Lay.

— Ele se acha tão esperto! Se acha o homem mais inteligente da Inglaterra com aquele sorrisinho nojento que

Material com direitos autorais

nunca sai daquele rosto horrível! Quanto ele pagou? Eu sei que isso deve ter sido ideia de Eustace e que o senhor fez o trabalho sujo para ele. O senhor, o famoso Hercule Poirot, que é de confiança de nossa polícia leal e trabalhadora. O senhor é uma fraude! Como *pôde* fazer isso? Caluniar uma mulher do meu caráter! Eustace faria qualquer coisa para me derrotar. Qualquer coisa! O que quer que ele tenha dito a meu respeito é mentira!

Se Sylvia Lay estivesse disposta a ouvir, Poirot poderia ter dito a ela que seria improvável que ele cooperasse com qualquer homem que se considerasse o mais inteligente da Inglaterra enquanto ele, Hercule Poirot, estivesse residindo em Londres.

— Por favor, posso ver esta carta que a senhora recebeu, madame?

— O senhor acha que eu *guardei*? Fiquei enojada só de segurar aquele papel! Rasguei a carta em vários pedacinhos e joguei na lareira. Eu gostaria de jogar Eustace em uma lareira! Uma pena que seja contra a lei. Tudo o que posso dizer é que quem fez essa lei em especial nunca deve ter conhecido Eustace. Se *algum dia* o senhor voltar a me difamar assim, irei direto para a Scotland Yard, ouviu bem? Não para fazer uma confissão, porque sou inteiramente inocente, mas para acusá-lo, *monsieur* Poirot!

Antes que ele pudesse formular uma resposta adequada, Sylvia Lay se virou e foi embora a passos largos.

Poirot não a chamou de volta. Ficou ali por alguns segundos, balançando a cabeça lentamente. Enquanto subia os degraus do prédio, murmurou para si mesmo:

Material com direitos autorais

— Ora, se essa era a pessoa com tendência menor à violência, não desejo jamais conhecer a que tiver tendência maior.

Dentro do apartamento espaçoso e bem mobiliado, seu criado o esperava. O sorriso forçado de George se transformou em uma expressão de consternação quando viu o rosto de Poirot.

— O senhor está bem?

— *Non*. Estou perplexo, George. Diga-me, sendo alguém que tem muito conhecimento sobre os altos escalões da sociedade inglesa... você conhece uma tal de Sylvia Lay?

— Apenas pela reputação, senhor. Ela é a viúva do falecido Clarence Lay. Extremamente bem relacionada. Creio que ocupe cargos nas diretorias de várias instituições de caridade.

— E quanto a Barnabas Pandy?

George sacudiu a cabeça.

— O nome não é familiar. Tenho extenso conhecimento da sociedade londrina, senhor. Mas se Mr. Pandy vive em outro lugar...

— Eu não sei onde ele vive. Não sei sequer *se* ele vive ou se foi, talvez, assassinado. *Vraiment*, sei tanto agora sobre Barnabas Pandy quanto sabia antes! Mas não tente, George, contar isso a Sylvia Lay, que imagina que sei tudo sobre ele! Ela acredita que eu escrevi uma carta acusando-a do assassinato deste Barnabas Pandy, uma carta que nego ter escrito. Eu não escrevi a carta. Não enviei nenhum tipo de comunicação à senhora Sylvia Lay.

Poirot tirou o chapéu e o casaco com menos cuidado do que o habitual e entregou os dois a George.

Material com direitos autorais

— Não é agradável ser acusado de algo que não se fez. A pessoa deveria ser capaz de afastar inverdades quaisquer, mas de alguma forma elas parecem se apoderar da mente e causam uma forma espectral de culpa. Como um fantasma na cabeça ou na consciência! Alguém tem certeza de que você fez essa coisa terrível e, assim sendo, você começa a se sentir como se tivesse feito, mesmo sabendo que não. Começo a entender, George, por que as pessoas confessam crimes dos quais são inocentes.

George parecia indeciso, o que não era uma novidade. A discrição inglesa, observara Poirot, tinha uma aparência externa que sugeria dúvida. Muitos dos ingleses mais corteses que ele conhecera ao longo dos anos pareciam ter recebido ordens para desacreditar em tudo o que lhes era dito.

— O senhor gostaria de uma bebida? Um *sirop de menthe*, se me permite a sugestão?

— *Oui*. É uma excelente ideia.

— Também devo dizer que o senhor tem uma visita à espera. Devo trazer sua bebida imediatamente e pedir a ele que espere um pouco mais?

— Uma visita?

— Sim, senhor.

— Como se chama? Eustace?

— Não, senhor. É um tal de Mr. John McCrodden.

— Ah! Que alívio. Nada de Eustace. Posso acalentar a esperança de que o pesadelo de madame Lay e Mr. Eustace tenha partido e não retorne a Hercule Poirot! *Monsieur* McCrodden informou a natureza da visita?

Material com direitos autorais

— Não, senhor. Embora eu deva avisá-lo que ele parecia... descontente.

Poirot deixou que um pequeno suspiro escapasse dos lábios. Depois do almoço mais do que satisfatório, a tarde estava sofrendo uma reviravolta decepcionante. Ainda assim, era improvável que John McCrodden fosse tão irritante quanto Sylvia Lay.

— Vou adiar o prazer de beber *sirop de menthe* e receber *monsieur* McCrodden primeiro — disse Poirot. — O nome dele me é familiar.

— O senhor por algum acaso está pensando no advogado Rowland McCrodden?

— *Mais oui, bien sûr*. Rowland Forca, aquele querido amigo do carrasco. Embora você seja educado demais, George, para chamá-lo pelo *soubriquet* que lhe cai tão bem. Rowland Forca não deixa que sua homônima tenha um momento de descanso.

— Ele tem sido uma peça fundamental para levar vários criminosos à justiça, senhor — concordou George, com o tato de sempre.

— Talvez John McCrodden seja um parente — disse Poirot. — Permita que eu me acomode e então você pode buscá-lo.

Entretanto, George foi impedido de buscar John McCrodden pela determinação do próprio visitante de adentrar na sala a passos largos, sem qualquer ajuda ou apresentação. McCrodden passou pelo criado e se posicionou no meio do tapete, onde parou como se estivesse congelado na forma de alguém enviado para desempenhar o papel de estátua.

Material com direitos autorais

— Por favor, *monsieur*, sente-se — disse Poirot com um sorriso.

— Não, obrigado — disse McCrodden em tom de desapego desdenhoso.

O homem tinha mais ou menos 40 anos, pensou Poirot. Tinha o tipo de rosto bonito que raramente se via fora das obras de arte. As feições poderiam ter sido esculpidas por um mestre artesão. Poirot achou difícil conciliar o rosto com as roupas, que estavam gastas e sujas de terra. Será que o sujeito tinha o hábito de dormir em bancos de parque? Será que não tinha acesso às comodidades domésticas básicas? Poirot se perguntou se McCrodden tentava anular as vantagens que a natureza lhe concedeu — os grandes olhos verdes e os cabelos dourados — buscando a aparência mais repugnante possível.

McCrodden olhou para Poirot.

— Recebi sua carta — disse ele. — Chegou hoje de manhã.

— Infelizmente tenho que contradizê-lo, *monsieur*. Eu não lhe enviei carta alguma.

Houve um longo e incômodo silêncio. Poirot não queria chegar a conclusões precipitadas, mas temia que soubesse o rumo que a conversa estava prestes a tomar. Mas não poderia ser! *Como* poderia ser? Somente em sonhos ele havia experimentado essa sensação: a noção fatídica de estar preso a uma situação que não faz nem nunca fará sentido, independentemente do que se faça.

— O que diz esta carta que o senhor recebeu? — perguntou Poirot.

Material com direitos autorais

— O senhor deveria saber, uma vez que a escreveu — respondeu John McCrodden. — O senhor me acusou de assassinar um homem chamado Barnabas Pandy.

Material com direitos autorais

Capítulo 2

Provocação intolerável

— Devo dizer que fiquei um pouco desapontado — continuou falando McCrodden. — O famoso Hercule Poirot, se permitindo ser usado para tais frivolidades.

Poirot esperou alguns instantes antes de responder. Teria sido sua escolha de palavras o elemento tão ineficaz em persuadir Sylvia Lay a ouvi-lo? Então, para John McCrodden, ele faria um esforço para ser mais claro e persuasivo.

— *Monsieur, s'il vous plait.* Acredito que alguém lhe enviou uma carta, e que nela, o senhor foi acusado de assassinato. O assassinato de Barnabas Pandy. Esta parte da sua história eu não contesto. Mas...

— O senhor não está em posição de contestar — disse McCrodden.

— *Monsieur*, por favor, acredite em mim quando digo que *não fui o autor da carta que o senhor recebeu*. Para Hercule Poirot, não há nada frívolo sobre assassinato. Eu gostaria...

— Ah, não houve assassinato algum — interrompeu McCrodden com uma risada amarga. — Ou, se houve, a polícia já terá capturado o responsável. Este é um dos jogos infantis do meu pai. — Ele franziu a testa, como tivesse pensado em algo perturbador. — A menos que a velha gárgula seja mais sádica

Material com direitos autorais

do que eu pensava e realmente tenha arriscado meu pescoço em um caso real e não resolvido de assassinato. Suponho que isso seja possível, tendo em vista sua implacável determinação... — McCrodden se interrompeu e murmurou: — Sim. *É* possível. Eu deveria ter pensado nisso.

— Seu pai é o advogado Rowland McCrodden? — perguntou Poirot.

— O senhor sabe que sim. — John McCrodden já havia se declarado desapontado, e foi assim que ele soou, como se Poirot estivesse afundando cada vez mais em sua avaliação a cada palavra.

— Conheço seu pai apenas pela reputação. Não o conheço pessoalmente, nem jamais falei com ele.

— O senhor precisa continuar fingindo, é claro — retrucou John McCrodden. — Tenho certeza de que meu pai lhe pagou uma quantia considerável para manter o nome dele fora disso.

McCrodden olhou ao redor da sala em que estava, parecendo notá-la pela primeira vez. Então assentiu como se confirmasse algo para si mesmo e falou:

— Pessoas ricas, as que menos precisam de dinheiro, pessoas como você e meu pai, não hesitarão em colocar as mãos em mais. É por isso que nunca confiei em dinheiro. E vejo que eu estava certo. O dinheiro é corrosivo para o caráter quando a pessoa está acostumada a ele, e o senhor, *monsieur* Poirot, é a prova viva disso.

Poirot não se lembrava da última vez que alguém lhe dissera uma coisa tão desagradável, tão injusta ou tão pessoalmente cruel. Retrucou baixinho:

Material com direitos autorais

— Passei a minha vida trabalhando pelo bem maior e pela proteção de cidadãos inocentes e, sim, dos injustamente acusados também. Um grupo que inclui o senhor, e, hoje, também a mim. Estou sendo falsamente acusado da mesma forma. Eu sou tão inocente de escrever e enviar a carta que o senhor recebeu quanto o senhor é inocente de assassinato. Também não conheço nenhum Barnabas Pandy. Não conheço Barnabas Pandy morto nem Barnabas Pandy vivo! Mas é neste ponto que... Ah! É neste ponto em que as semelhanças entre nós terminam, pois quando o senhor insiste que é inocente, eu escuto, pensando: "Este homem pode estar dizendo a verdade." Já quando eu falo...

— Poupe-me do palavreado rebuscado — interrompeu McCrodden. — Se o senhor imagina que eu seja mais propenso a confiar em retórica deslumbrante do que em dinheiro, reputação ou qualquer outra coisa que meu pai tenha em alta conta, está redondamente enganado. Agora, uma vez que Rowland Forca sem dúvida exigirá que o senhor repasse a ele minha resposta ao seu estratagema sórdido, por favor, diga-lhe isso: eu não estou jogando. Nunca ouvi falar desse tal de Barnabas Pandy, não matei ninguém e, portanto, não tenho nada a temer. Eu confio o suficiente nas leis do país para acreditar que não serei enforcado por um crime que não cometi.

— O senhor acredita que seu pai quer que isso aconteça?

— Eu não sei. É possível. Sempre achei que, se ficasse sem culpados para mandar para a forca, meu pai voltaria a atenção para os inocentes e fingiria que são réus, tanto no tribunal

Material com direitos autorais

quanto na própria mente. Qualquer coisa para saciar a sede do sangue de seus companheiros humanos.

— Essa é uma acusação notável, *monsieur*, e não a primeira que o senhor faz desde que chegou.

A maneira brusca e casual de falar de McCrodden fez Poirot sentir calafrios. Dava um ar de objetividade às palavras do homem, como se ele estivesse meramente transmitindo fatos simples e incontroversos.

O Rowland Forca sobre quem Poirot tinha ouvido tanto no decorrer dos anos não era o homem que o filho dele estava descrevendo. O sujeito defendia com veemência a morte como castigo para os culpados — com um pouco de veemência demais para o gosto de Poirot, pois certas circunstâncias exigem critério —, mas Poirot suspeitava que McCrodden Sênior ficaria tão horrorizado quanto ele próprio diante da perspectiva de um homem ou mulher inocentes serem enviados para a forca. E se o homem em questão fosse o próprio filho...

— *Monsieur*, eu não conheci, em todos os meus anos, um pai que já tenha tentado condenar o filho à morte por um assassinato que ele não cometeu.

— Ah, conheceu sim — respondeu John McCrodden rapidamente. — Apesar de negar, eu sei que o senhor deve ter conhecido meu pai, ou pelo menos conversou com ele, e juntos vocês conspiraram para me acusar. Bem, o senhor pode dizer ao meu querido pai que não o odeio mais. Agora que vejo como ele está disposto a se rebaixar, sinto pena dele. Meu pai não é melhor que um assassino. Nem o senhor, *monsieur* Poirot. O mesmo vale para qualquer um que seja a favor de sufocar

Material com direitos autorais

transgressores na ponta de uma corda, como faz nosso sistema brutal.

— Essa é a sua opinião, *monsieur*?

— A vida inteira tenho sido uma fonte de constrangimento e frustração para meu pai: eu recuso a me curvar, a fazer o que ele quer, a pensar o que ele pensa, a trabalhar na profissão escolhida *por ele*. Meu pai quer que eu estude Direito. Nunca me perdoou por não querer ser ele.

— Posso perguntar qual é a sua profissão?

— Profissão? — falou McCrodden com desdém. — Eu trabalho para me sustentar. Nada chique. Nada grandioso que envolva brincar com a vida de outras pessoas. Já trabalhei em uma mina, em fazendas, fábricas. Fiz e vendi bijuterias para mulheres. Sou um bom vendedor. No momento, tenho uma barraca na feira. É com ela que mantenho um teto sobre a minha cabeça, mas nada disso é bom o suficiente para meu pai. E, sendo meu pai Rowland McCrodden, ele não vai admitir a derrota. Nunca.

— O que senhor quer dizer?

— Eu esperava que ele tivesse desistido de mim. Agora vejo que esse dia nunca chegará. Meu pai sabe que um homem acusado de assassinato precisará se defender. É bastante inteligente da parte dele, na verdade. Está tentando me provocar e fantasiando, imagino, que eu insista em me defender contra a acusação de assassinato no Old Bailey. Só que para estar diante do Supremo Tribunal eu teria que me interessar por Direito, não é?

Material com direitos autorais

Era evidente que Rowland McCrodden era para John McCrodden o que Eustace era para Sylvia Lay.

— O senhor pode dizer para meu pai que o plano dele falhou. Eu nunca serei a pessoa que meu pai quer que eu seja. E eu preferiria que ele não tentasse se comunicar comigo de novo, seja diretamente ou usando o senhor ou qualquer outro de seus capachos.

Poirot se levantou da poltrona.

— Por favor, espere um instante — disse ele.

Poirot saiu da sala e tomou cuidado de deixar a porta escancarada.

* * *

Quando voltou à sala, Poirot veio acompanhado pelo criado. Ele sorriu para John McCrodden e disse:

— O senhor já conheceu George, certo? Espero que o senhor tenha me ouvido explicar a George que eu gostaria que ele se juntasse a nós por um breve momento. Falei alto justamente para que o senhor pudesse ouvir tudo o que eu disse a ele.

— Sim, ouvi — disse McCrodden parecendo entediado.

— Se eu tivesse dito mais alguma coisa a George, o senhor também teria ouvido. Mas não foi o caso. Portanto, o que ele está prestes a lhe dizer, espero, vai convencê-lo de que não sou seu inimigo. Por favor, George, fale!

George pareceu espantado. Não estava acostumado a receber instruções tão vagas.

Material com direitos autorais

— Sobre o que, senhor?

Poirot se virou para John McCrodden.

— Viu só? Ele não sabe o que está acontecendo aqui. Não o preparei para isso. George, quando voltei do almoço hoje, eu contei a você uma coisa que havia acabado de acontecer comigo, não foi?

— Contou sim, senhor.

— Por favor, repita a história.

— Muito bem, senhor. O senhor foi abordado por uma mulher que se apresentou como Mrs. Sylvia Lay. Mrs. Lay estava enganada ao acreditar que o senhor tinha escrito uma carta para ela na qual a acusava de assassinato.

— *Merci*, George. Agora diga quem foi a suposta vítima deste assassinato.

— Um tal de Mr. Barnabas Pandy, senhor.

— E o que mais eu lhe disse?'

— Que o senhor não conhecia ninguém com esse nome. Se existe tal cavalheiro, o senhor não sabe se ele está vivo ou morto, ou se foi assassinado. Quando o senhor tentou explicar isso para Mrs. Lay, ela se recusou a ouvir.

Poirot se voltou para John McCrodden com um ar triunfante.

— *Monsieur*, talvez seu pai também deseje que Sylvia Lay se defenda no Old Bailey? Ou o senhor está finalmente disposto a admitir que julgou mal e difamou Hercule Poirot muito injustamente? Talvez ache interessante saber que madame Lay também me acusou de conspirar com um de seus inimigos para lhe causar sofrimento, um homem chamado Eustace.

Material com direitos autorais

— Continuo dizendo que meu pai está por trás de tudo — falou John McCrodden após um breve intervalo, soando nitidamente menos confiante do que antes. — Não há nada que ele goste mais do que o desafio de um quebra-cabeça elaborado. Tenho que descobrir por que Mrs. Lay recebeu a mesma carta que eu.

— Quando alguém tem uma preocupação motriz, como a sua com o seu pai, ou a obsessão de Sylvia Lay com o Eustace, ela altera a forma como se enxerga o mundo — disse Poirot com um suspiro. — Suponho que o senhor não tenha trazido a carta consigo?

— Não. Eu rasguei e enviei os pedacinhos para meu pai com um bilhete dizendo o que penso a respeito dele, e agora estou dizendo novamente, *monsieur* Poirot. Não vou tolerar esta situação. Até mesmo o grande Hercule Poirot não pode acusar pessoas inocentes de assassinato e esperar que escape impune.

Foi um alívio considerável quando John McCrodden finalmente se retirou da sala. Poirot ficou à janela para observar a visita saindo do prédio.

— O senhor está pronto para o *sirop de menthe* agora? — perguntou George.

— *Mon ami*, eu estou pronto para todo o *sirop de menthe* do mundo. — Ao notar que poderia ter causado confusão, Poirot esclareceu. — Um copo, por favor, George. Apenas um.

Poirot voltou agitado para a poltrona. Que esperança existia para que a justiça ou a paz prevalecesse no mundo se três pessoas que poderiam ter tido uma causa comum — três pessoas acusadas injustamente: Sylvia Lay, John McCrodden e

Material com direitos autorais

Hercule Poirot — não eram capazes de se sentar juntas e ter uma discussão calma e racional que pudesse ajudar a esclarecer o que aconteceu? Em vez disso, houve raiva, uma recusa quase fanática de considerar pontos de vista diferentes e uma incessante distribuição de insultos. Não da parte de Hercule Poirot, no entanto, que se comportou impecavelmente diante de provocações intoleráveis.

Quando George trouxe o *sirop*, Poirot disse:

— Diga, George, há mais alguém esperando para me ver?

— Não, senhor.

— Ninguém telefonou para solicitar uma consulta?

— Não, senhor. O senhor está esperando alguém?

— *Oui*. Eu estou esperando algum estranho com raiva, ou talvez vários.

— Não sei se entendi o que quis dizer, senhor.

Naquele exato momento, o telefone começou a tocar. Poirot se permitiu um sorrisinho. Quando não havia outro prazer a ser extraído de uma situação, era melhor aproveitar a sensação de estar correto, pensou ele.

— Aí está ele, George. Ou *ela*. A terceira pessoa. Terceira de sabe-se lá quantas? Três, quatro, cinco? Pode ser qualquer quantidade.

— Quantidade do que, senhor?

— De pessoas que receberam uma carta acusando-as do assassinato de Barnabas Pandy. Todas com uma assinatura fraudada em nome de Hercule Poirot!

Material com direitos autorais

Capítulo 3

A terceira pessoa

Às quinze horas do dia seguinte, Poirot recebeu a visita de uma tal Miss Annabel Treadway na Mansão Whitehaven. Enquanto esperava que George a conduzisse, sentiu-se ansioso pelo encontro. Para alguém com um temperamento diferente, poderia ter sido entediante receber a mesma acusação inúmeras vezes de vários estranhos, todos determinados a não ouvir uma palavra que lhes fosse dita; mas não era o caso para Hercule Poirot. Nesta terceira vez, ele resolveu que conseguiria provar seu argumento. Poirot convenceria Miss Annabel Treadway de que estava dizendo a verdade. Talvez então fosse possível ir adiante e fazer algumas perguntas mais interessantes.

Na noite anterior, enquanto permanecia deitado sem dormir, Poirot dedicou muita consideração ao enigma que levava a maioria das pessoas, mesmo as inteligentes, a serem tão ilógicas e teimosas; ele estava ansioso para voltar a atenção para o próprio Barnabas Pandy. Isso considerando, é claro, que Barnabas Pandy fosse uma pessoa. Era possível que ele não existisse, nunca tivesse existido e não fosse mais do que um produto da imaginação do autor das cartas.

A porta se abriu, e George conduziu uma mulher magra de estatura média, cabelos claros, olhos escuros e roupas sóbrias.

Material com direitos autorais

Poirot se assustou com a própria reação ao vê-la. Sentiu como se tivesse que abaixar a cabeça e dizer: "Meus pêsames, *mademoiselle*." Não tendo motivo para acreditar que a mulher sofrera uma perda, Poirot se conteve. Uma carta acusando-a de assassinato poderia provocar raiva ou medo, mas dificilmente poderia ser considerada uma tragédia; não deixaria uma pessoa triste, pensou Poirot.

Assim como John McCrodden havia enchido a sala de Poirot com um desprezo frio, Annabel Treadway trouxera consigo tristeza. "O coração pesaroso", pensou Poirot. Ele sentiu aquilo de forma tão intensa como se fosse consigo mesmo.

— Obrigado, George — disse Poirot. — Por favor, sente-se, *mademoiselle*.

Ela correu para a poltrona mais próxima e se posicionou de uma maneira que não parecia ser confortável. Poirot observou que a característica facial mais marcante de Annabel Treadway era um profundo sulco vertical que começava entre as sobrancelhas: um vinco pronunciado que dividia sua testa em duas metades perfeitas. Poirot resolveu não olhar de novo para aquele detalhe, com receio de que ela notasse.

— Obrigado por permitir que eu viesse aqui hoje — falou Annabel Treadway calmamente. — Eu esperava que o senhor recusasse.

Ela olhou para Poirot cinco ou seis vezes enquanto falava e desviou o olhar rapidamente em cada momento, como se não quisesse que ele a flagrasse no ato de observá-lo.

— De onde a senhorita veio, *mademoiselle*?

Material com direitos autorais

— Ah, o senhor não deve ter ouvido falar. Ninguém conhece. Fica no interior.

— Por que imaginou que eu me recusaria a recebê-la?

— A maioria das pessoas faz de tudo para impedir que um suposto assassino entre em suas casas — respondeu Annabel Treadway. — *Monsieur* Poirot, o que vim aqui lhe dizer é... Bem, o senhor pode não acreditar em mim, mas sou inocente. Eu não conseguiria matar outra vivalma. Nunca! O senhor não tem como saber... — Ela parou de falar com um suspiro entrecortado.

— Por favor, continue — disse Poirot gentilmente. — O que é que eu não tenho como saber?

— Eu nunca causei dor ou feri ninguém, e nem poderia. Eu *salvei* vidas!

— *Mademoiselle*...

Annabel Treadway tirou um lenço do bolso e enxugou os olhos.

— Por favor, peço perdão se pareci arrogante. Não pretendia exagerar minha própria bondade ou conquistas, mas é verdade que salvei uma vida. Há muitos anos.

— Uma vida? A senhorita disse "vidas".

— Eu só quis dizer que se, tivesse a oportunidade de fazer novamente, eu salvaria todas as vidas que pudesse, mesmo que tivesse que me colocar em perigo para tanto. — A voz dela tremeu.

— Isto porque é especialmente heroica ou porque acha que as outras pessoas são mais importantes do que a senhorita? — perguntou Poirot.

Material com direitos autorais

— Eu... não sei se entendi o que o senhor quer dizer. Todos nós devemos colocar os outros antes de nós mesmos. Não estou alegando que sou mais altruísta do que a maioria, e estou longe de ser corajosa. Sou terrivelmente covarde, para ser honesta. Vir aqui para falar com o senhor exigiu toda a minha coragem. Minha irmã Lenore... ela é a corajosa. Tenho certeza de que o senhor é corajoso, *monsieur* Poirot. O senhor não salvaria todas as vidas que fosse capaz? Cada uma delas?

Poirot franziu a testa. Foi uma pergunta estranha. A conversa até então tinha sido incomum — até mesmo para o que Poirot chamava em sua mente de "a nova era de Barnabas Pandy".

— Eu ouvi falar do seu trabalho e admiro muito o senhor — disse Annabel Treadway. — Por isso sua carta me magoou tanto. *Monsieur* Poirot, suas suspeitas estão completamente equivocadas. O senhor diz que tem provas contra mim, mas não vejo como isso é possível. Eu não cometi crime algum.

— E eu não lhe enviei carta alguma — disse Poirot. — Não acusei a senhorita, e sigo não acusando, do assassinato de Barnabas Pandy.

Annabel Treadway pestanejou para Poirot, perplexa.

— Mas... não compreendo...

— A carta que a senhorita recebeu não foi escrita pelo verdadeiro Hercule Poirot. Eu também sou inocente! Um imitador enviou estas acusações, cada uma com o meu nome assinado no pé da carta.

— Cada... cada uma? O senhor quer dizer...?

Material com direitos autorais

— *Oui*. A senhorita é a terceira pessoa em dois dias que me diz a mesmíssima coisa: que eu lhe escrevi e acusei de ter assassinado um tal de Barnabas Pandy. Ontem foram a madame Sylvia Lay e o *monsieur* John McCrodden. Hoje é a senhorita.

Poirot observou Annabel Treadway atentamente para ver se os nomes dos colegas acusados provocariam qualquer efeito perceptível. Não houve nenhum que pudesse notar.

— Então o senhor não... — A boca se mexeu por um tempo depois que ela parou de falar; finalmente, Annabel Treadway disse: — Então o senhor não acha que sou uma assassina?

— Isso mesmo. No momento presente, não tenho motivos para acreditar que a senhorita tenha assassinado alguém. Agora, se tivesse sido a única pessoa a vir até mim e falado sobre esta carta de acusação, eu poderia me perguntar... — Decidindo não compartilhar mais nenhum raciocínio, Poirot sorriu e falou: — Trata-se de uma piada cruel que esse trapaceiro, seja ele quem for, fez contra nós dois, *mademoiselle*. A senhorita conhece os nomes Sylvia Lay e John McCrodden?

— Nunca ouvi falar de nenhum dos dois — respondeu Annabel Treadway. — E piadas deveriam ser engraçadas, certo? Mas isso não é engraçado. É terrível. Quem faria algo assim? Eu não sou importante, mas fazer uma coisa dessas com uma pessoa da sua reputação é chocante, *monsieur* Poirot.

— Para mim, a senhorita é extremamente importante — disse Poirot. — Apenas a senhorita, das três pessoas que receberam esta carta, escutou. Apenas a senhorita acredita em Hercule Poirot quando ele diz que não escreveu nem enviou tal acusação. A senhorita não me faz achar que devo estar ficando

Material com direitos autorais

louco, como os outros dois fizeram. Estou profundamente grato por isso, senhorita.

Um ar opressivo de tristeza ainda pairava no ambiente. Se ao menos Poirot pudesse trazer um sorriso ao rosto de Annabel Treadway... Ah, mas que maneira perigosa de pensar. Permita que uma pessoa afete suas emoções e o raciocínio sempre sofre. Lembrando-se de que Miss Treadway, apesar de parecer desolada, poderia ter assassinado um homem chamado Barnabas Pandy, Poirot continuou falando, de modo menos efusivo:

— A madame Lay e o *monsieur* McCrodden não acreditaram em Poirot. Não deram ouvidos.

— Certamente eles não acusaram o senhor de mentir, certo?

— Infelizmente, acusaram.

— Mas o senhor é Hercule Poirot!

— Uma verdade inegável — concordou Poirot. — Posso perguntar se a senhorita trouxe a carta?

— Não. Eu a destruí no mesmo instante, infelizmente. Eu... eu não suportava que ela existisse.

— *Dommage*. Eu gostaria de ter visto a carta. *Eh bien, mademoiselle*, vamos dar o próximo passo em nossa investigação. Quem poderia desejar fazer uma travessura como essa contra a senhorita, contra mim e contra a madame Lay e o *monsieur* McCrodden? Quatro pessoas que não conhecem o tal Barnabas Pandy, se é que ele existe, uma vez que, pelo que sabemos...

— Ah!— Annabel Treadway conteve um gritinho.

Material com direitos autorais

— O que houve? — perguntou Poirot. — Conte-me. Não tenha medo.

Ela parecia aterrorizada.

— Não é verdade — sussurrou Annabel Treadway.

— O que não é verdade?

— Ele existe, sim.

— *Monsieur* Pandy? Barnabas Pandy?

— Sim. Bem, ele *existiu*, sim. Barnabas Pandy está morto, entende? Não assassinado, no entanto. Ele adormeceu e... eu pensei... Não foi minha intenção enganar o senhor, *monsieur* Poirot. Eu deveria ter deixado isso claro imediatamente... Só pensei...

Os olhos dela foram depressa de uma parte da sala para outra. A mente de Annabel Treadway era um grande caos naquele momento, percebeu Poirot.

— A senhorita não me enganou — garantiu ele. — A madame Lay e o *monsieur* McCrodden afirmaram categoricamente que não conheciam ninguém com o nome de Barnabas Pandy, e eu também não conheço. Supus que o mesmo deveria ser verdade da sua parte. Agora, por favor, conte-me tudo o que sabe sobre o *monsieur* Pandy. Ele está morto, a senhorita diz?

— Sim. Ele morreu em dezembro do ano passado. Três meses atrás.

— E a senhorita diz que Barnabas Pandy não foi assassinado. Sabe como ele morreu?

— Claro que sei. Eu estava lá. Nós morávamos na mesma casa.

Material com direitos autorais

— A senhorita... Vocês moraram juntos? — Por essa Poirot não esperava.

— Sim, desde que eu tinha 7 anos — respondeu ela. — Barnabas Pandy era meu avô.

— Ele era mais como um pai para mim do que um avô — disse Annabel assim que Poirot conseguiu convencê-la de que não estava zangado com ela por tê-lo induzido ao erro. — Minha mãe e meu pai morreram quando eu tinha 7 anos, e Lenore e eu fomos morar com o Vô. Sempre chamei ele assim. Lenore também tem sido como uma mãe para mim, de certa forma. Eu não sei o que faria sem ela. Mas fato é que o Vô estava muitíssimo velho. É triste quando eles nos deixam, é claro, mas os idosos morrem, não é? De maneira natural, quando chega a hora deles.

O contraste entre o tom de voz casual e o ar de tristeza que ela emanava levou Poirot a concluir que, o que quer estivesse deixando Annabel infeliz, não era a morte do avô.

De repente, a atitude dela mudou. Houve um vislumbre de algo nos olhos de Annabel Treadway quando ela falou ardorosamente:

— As pessoas se importam bem menos quando idosos morrem, o que é muitíssimo injusto! "Ele teve uma boa vida", dizem elas, como se isso tornasse a morte tolerável, ao passo que, quando uma criança morre, todo mundo encara como o pior tipo de tragédia. Eu acredito que toda morte é uma tragédia! O *senhor* não acha injusto, *monsieur* Poirot?

Material com direitos autorais

A palavra "tragédia" pareceu ecoar no ar. Se Poirot tivesse recebido a ordem para escolher uma palavra que descrevesse a essência da mulher diante de si, teria escolhido essa. Foi quase um alívio ouvi-la ser dita em voz alta.

Quando Poirot não respondeu imediatamente à pergunta, Annabel Treadway ficou corada e disse:

— Mas quando falo do quão pouco as pessoas ligam para idosos morrendo... bem, eu não quis dizer... Eu estava me referindo aos idosos *realmente* velhos. O Vô tinha noventa e quatro anos, então tenho certeza que é *muito* mais velho que... Espero não ter ofendido o senhor.

E assim sendo, refletiu Poirot, às vezes a emenda sai pior do que o soneto. Com certa desonestidade, disse a Annabel Treadway que não estava ofendido.

— Como a senhorita destruiu a carta? — perguntou Poirot.

Ela baixou o olhar para os joelhos.

— A senhorita prefere não me dizer?

— Ser acusada de assassinato... Não pelo senhor, mas definitivamente por alguém, deixa a pessoa um pouco nervosa para revelar qualquer coisa.

— Compreendo. Mesmo assim, eu gostaria de saber como a senhorita se desfez da carta.

Ela franziu a testa. "*Alors!*", pensou Poirot para si mesmo quando o vinco entre as sobrancelhas se aprofundou. Ao menos um mistério resolvido. Franzir a testa era um hábito de Annabel Treadway e tinha sido por muitos anos. O sulco na testa dela era a prova.

Material com direitos autorais

— O senhor vai me achar boba e supersticiosa se eu lhe contar — disse Annabel Treadway enquanto levava o lenço ao nariz. Ela não estava chorando, mas talvez esperasse estar em breve. — Eu peguei uma caneta e fiz riscos grossos com tinta preta em cada palavra, para que nada do que estava escrito permanecesse visível. Eu fiz isso no seu nome também, *monsieur* Poirot. Em cada palavra! Então rasguei a carta e queimei os pedaços.

— Três métodos distintos de obliteração. — Poirot sorriu. — Estou impressionado. A madame Lay e o *monsieur* McCrodden foram menos meticulosos do que a senhorita, *mademoiselle*. Há algo mais que eu gostaria de lhe perguntar. Sinto que a senhorita está infeliz e talvez com medo?

— Não tenho nada a temer — respondeu ela rapidamente. — Como já disse, sou inocente. Ah, se ao menos fosse Lenore ou Ivy me acusando, eu saberia como convencê-las. Eu simplesmente diria: "Juro pela vida de Hoppy", e elas saberiam que eu estava dizendo a verdade. Elas já sabem, é claro, que eu não matei o Vô.

— Quem é Hoppy? — perguntou Poirot.

— Hopscotch. Meu cachorro. É a criatura mais fofa do mundo. Eu nunca juraria pela vida de Hoppy em vão. O senhor iria amá-lo, *monsieur* Poirot. É impossível não amá-lo. — Pela primeira vez desde que chegou, Annabel Treadway sorriu, e a espessa camada de tristeza no ambiente diminuiu um pouco. — Bem, preciso voltar para cuidar de Hoppy. O senhor vai achar que sou boba, mas sinto muita falta dele. E não estou com medo. De verdade. Se a pessoa que enviou a carta não quis

Material com direitos autorais

assiná-la, então não se trata de uma acusação séria, certo? É um truque bobo, apenas isso, e estou muito feliz em ter visitado o senhor e esclarecido a questão. Agora, eu tenho que ir.

— Por favor, *mademoiselle*, não saia ainda. Eu gostaria de fazer mais algumas perguntas.

— Mas preciso cuidar de Hoppy — insistiu Annabel Treadway enquanto se levantava. — Ele precisa de... e nenhum deles consegue... Quando não estou lá, ele... Eu sinto muitíssimo. Espero que quem enviou essas cartas não lhe cause mais problemas. Obrigada por me receber. Bom dia, *monsieur* Poirot.

— Bom dia, *mademoiselle* — respondeu Poirot para uma sala que ficou vazia de repente, a não ser por ele e por uma sensação persistente de desolação.

Material com direitos autorais

Capítulo 4

Um elemento discrepante?

Hercule Poirot achou a manhã seguinte esquisita. Às dez horas, nenhum estranho havia telefonado. Ninguém havia aparecido na Mansão Whitehaven para afirmar ter sido acusado por ele do assassinato de Barnabas Pandy. Poirot esperou até quarenta minutos depois das onze (nunca se sabia quando um despertador defeituoso poderia fazer com que um acusado dormisse demais), depois partiu para o Café Pleasant's.

Extraoficialmente no comando do Pleasant's, havia uma jovem garçonete chamada Euphemia Spring. Todos a chamavam de Fee para abreviar. Poirot gostava muitíssimo dela. Fee dizia as coisas mais inesperadas. Os cabelos esvoaçantes desafiavam a gravidade e se recusavam a ficar penteados, embora não houvesse nada de esvoaçante ou volúvel a respeito da mente dela, sempre concentradíssima. Fee preparava o melhor café de Londres, depois fazia tudo que era possível para desencorajar os clientes a beberem. Chá, como ela gostava de dizer, era uma bebida muito superior e benéfica à saúde, enquanto o café aparentemente levava a noites sem dormir e a desgraças de todo tipo.

Poirot continuou a beber o excelente café de Fee, apesar de suas advertências e súplicas, e notou que, em muitos assuntos

Material com direitos autorais

(tirando o supracitado), a garçonete tinha muita sabedoria para transmitir. Uma das áreas de especialização dela era o amigo e ajudante ocasional de Poirot, o Inspetor Edward Catchpool — e era por isso que ele estava ali.

O café estava começando a ficar mais movimentado. A umidade escorria pela parte de dentro das janelas. Fee servia a um cavalheiro do outro lado do salão quando Poirot entrou, mas a garçonete ainda assim acenou com a mão esquerda: um gesto eloquente, que disse para Poirot exatamente onde se sentar e esperar por ela.

Poirot assim o fez. Ele endireitou os talheres diante de si na mesa, como de costume, e tentou não olhar para a coleção de bules que enchia as prateleiras altas das paredes. Poirot considerava a visão insuportável: estavam todos em ângulo diferente e dispostos aparentemente ao acaso. Não havia lógica na arrumação. Ser uma pessoa tão aficionada por bules a ponto de guardar tantos, e ainda assim não ver a necessidade de apontar todos os bicos na mesma direção... Poirot há muito suspeitava que era criação de Fee aquele arranjo deliberadamente aleatório, apenas para lhe causar aflição. Certa vez, quando os bules de chá estavam alinhados de modo mais convencional, Poirot comentou que um deles fugia à regra. Desde aquele dia, cada vez que Poirot ia ao Pleasant's, nunca mais houve padrão na disposição dos bules. Fee Spring não reagia bem às críticas.

A garçonete apareceu ao lado dele e colocou com força um prato entre a faca e o garfo. Havia uma fatia de bolo nele, uma que Poirot não havia pedido.

Material com direitos autorais

— Vou precisar da sua ajuda — disse Fee, antes que ele pudesse perguntar sobre Catchpool —, mas o senhor terá que se alimentar primeiro.

Era seu famoso Bolo de Janela de Igreja, assim batizado porque cada fatia compreendia dois quadrados amarelos e dois rosas que supostamente pareciam-se com o vitral de uma janela de igreja. Poirot achava o nome incômodo. Janelas de igreja são coloridas, sim, mas também transparentes e feitas de vidro. Seria melhor tê-lo batizado "Bolo de Tabuleiro de Xadrez". Era essa imagem que vinha à mente de Poirot quando ele via a fatia: um tabuleiro de xadrez, embora pequeno demais e com as cores erradas.

— Eu telefonei para a Scotland Yard hoje de manhã — disse Poirot para Fee. — Eles disseram que Catchpool está no litoral com a mãe, de férias. Isso não me parece provável.

— Coma — falou a garçonete.

— *Oui, mais...*

— Mas o senhor quer saber onde Edward está. Por quê? Aconteceu alguma coisa?

Nos últimos meses, ela começou a se referir a Catchpool como "Edward", embora nunca quando ele estava presente, notou Poirot.

— Você sabe onde ele está? — perguntou Poirot.

— Talvez. — Fee sorriu. — Eu vou contar tudo que sei, assim que o senhor disser que vai me ajudar. Agora coma.

Poirot suspirou.

— E eu comer uma fatia do seu bolo vai lhe ajudar como?

Fee se sentou ao lado dele e apoiou os cotovelos na mesa.

Material com direitos autorais

— O bolo não é meu — sussurrou a garçonete, como se estivesse falando sobre uma coisa vergonhosa. — Parece o meu bolo, tem o gosto do meu bolo, mas não é *meu*. Esse é o problema.

— Não estou entendendo.

— Alguma vez o senhor foi servido aqui por uma garota chamada Philippa, toda ossuda, com dentes de cavalo?

— *Non*. Não parece familiar.

— Ela não durou muito tempo aqui. Peguei Philippa roubando comida e tive que trocar umas palavras com ela. Não que ela não precisasse engordar, mas eu não ia deixá-la tirar comida dos pratos de quem pagou honestamente. Falei que não havia problema que ficasse com as sobras, mas isso não foi bom o suficiente para ela. Como todo ladrão, Philippa não gostou de ser tratada como criminosa e então nunca mais voltou depois disso. Bem, agora Philippa está naquele café novo, Kemble's, perto da loja de vinhos na Oxford Street. Eles que fiquem com ela, boa sorte para eles, mas os clientes começaram a me dizer que Philippa está fazendo o *meu* bolo. No começo eu não acreditei, por que, afinal, como ela poderia saber a receita? Foi passada da minha bisavó para minha avó, depois para minha mãe, e então para mim. Eu cortaria minha própria língua antes de contá-la para alguém de fora da família, e não contei. Certamente não para *ela*. Eu nem sequer escrevi a receita. A única maneira de Philippa saber seria se ela me visse fazendo o bolo escondida... e pensando bem, sim, ela pode ter visto. Philippa só precisaria ter feito isso uma vez se tivesse prestado

Material com direitos autorais

atenção, e não posso jurar que ela não fez. Todo esse tempo, nós duas juntas em uma cozinha minúscula...

Fee apontou um dedo acusatório, como se a cozinha do Pleasant's fosse a culpada.

— Fácil o suficiente para dar a impressão de que estava ocupada com outra coisa qualquer. E Philippa era um tipinho bem furtivo. De qualquer forma, eu tive que ir experimentar, não é? E acho que eles estão certos, os clientes que me disseram que ela está fazendo o meu bolo. Acho que estão certíssimos! — Os olhos dela brilharam de indignação.

— O que a senhorita gostaria que eu fizesse, mademoiselle?

— Eu não disse? Não é o que estou dizendo? Coma esse bolo e me diga se estou certa ou errada. Esse é de Philippa, não meu. Enfiei no bolso do casaco quando ela não estava olhando. Philippa sequer soube que estive no café dela de tanto cuidado que tomei. Eu fui disfarçada. Usei uma fantasia adequada!

Poirot não queria comer uma fatia de bolo que estivera no bolso de alguém.

— Eu não provo o seu Bolo de Janela de Igreja há muitos meses — disse ele a Fee. — Minha memória não é tão boa para julgar. Além disso, as pessoas não se lembram com precisão de sabores. É impossível.

— O senhor acha que eu não sei disso? — perguntou Fee impaciente. — Eu vou lhe dar uma fatia do meu bolo a seguir, não vou? Vou pegar agora mesmo.

Ela se levantou e falou:

— Coma um pedacinho de um e depois do outro. Depois, coma de novo um pedacinho de cada um. Diga-me se não seria

Material com direitos autorais

possível terem vindo todos da mesma forma.

— Se eu fizer isso, a senhorita vai me dizer onde está Catchpool?

— Não.

— Não?

— Eu disse que vou lhe contar onde Edward está se o senhor me ajudar.

— E eu concordei em provar...

— A degustação não é a ajuda — falou Fee com firmeza. — Isso vai vir depois.

Hercule Poirot raramente se permitia ceder à vontade dos outros, mas resistir a Fee Spring era uma tarefa inútil. Ele esperou até que a garçonete voltasse com outra fatia de Bolo de Janela de Igreja que parecia idêntica à primeira e depois, obedientemente, provou as duas. Para ter certeza, Poirot provou três pedaços de cada um.

Fee observou-o atentamente. Enfim, ela não conseguiu mais se controlar e exigiu saber:

— Bem? É o mesmo ou não?

— Não consigo sentir diferença — respondeu Poirot. — Nenhuma mesmo. Mas *mademoiselle*, infelizmente não há um estatuto que impeça uma pessoa de fazer o mesmo bolo que outra, se ela tiver observado com os próprios olhos...

— Ah, não estou querendo usar a lei contra ela. Tudo o que quero saber é se Philippa acha que roubou de mim ou não.

— Entendo — disse Poirot. — A senhorita não está interessada no delito legal, mas no moral.

Material com direitos autorais

— Eu quero que o senhor vá até o café dela, peça o bolo e pergunte a Philippa sobre ele. Pergunte onde ela conseguiu a receita.

— E se Philippa disser: "É aquela usada pela Fee Spring do Pleasant's"?

— Então eu vou vê-la pessoalmente e direi o que ela não sabe: que a receita da família Spring não deve ser usada por mais ninguém. Se for um erro honesto, é assim que eu vou tratar o caso.

— E o que a senhorita fará se ela responder de maneira mais evasiva? — perguntou Poirot. — Ou se Philippa for ousada ao dizer que pegou a receita do bolo em outro lugar qualquer e a senhorita não acreditar nela?

Fee sorriu e estreitou os olhos.

— Ah, neste caso, vou fazê-la se arrepender em breve — respondeu Fee, depois acrescentou rapidamente: — Não de uma forma que o senhor gostaria que não tivesse me ajudado, fique sabendo.

— Fico feliz em ouvir isso, *mademoiselle*. Se permitir que Poirot ofereça um conselho prudente: a busca por vingança raramente é uma boa ideia.

— Tanto quanto ficar sentado à toa enquanto as pessoas se aproveitam do que é seu por direito — disse Fee, decidida. — O que eu quero do senhor é a ajuda que pedi, não o conselho que eu não pedi.

— *Je comprends* — disse Poirot.

— Ótimo.

— Por favor. Onde está Catchpool?

Material com direitos autorais

Fee abriu um sorrisão.

— No litoral com a mãe dele, como a Scotland Yard disse.

O rosto de Poirot assumiu um olhar severo.

— Vejo que fui enganado — falou ele.

— Longe disso! O senhor não acreditou quando eles contaram. Agora eu estou dizendo que é verdade, então o senhor sabe que é. É onde ele está. Great Yarmouth, a leste.

— Como eu disse antes... isso não parece provável.

— Ele não queria ir, mas foi necessário para conseguir que a velha o deixasse em paz. Ela encontrou outra esposa perfeita para ele.

— Ah! — Poirot conhecia a ambição da mãe de Catchpool de ver o filho casado com uma boa moça.

— E parece que a tal tinha muita coisa a seu favor. Atraente, como Edward disse que ela era, e de uma família respeitável. Doce, também, e culta. Ele achou mais difícil do que o normal dizer não.

— Para a mãe dele? Ou a *jolie femme* pediu Catchpool em casamento?

Fee riu.

— Não, isso foi apenas ideia da mãe dele. A velha ficou muito abatida quando Edward disse que não estava interessado. Ela deve ter pensado: "Se ele não for persuadido nem mesmo por esta moça..." Edward decidiu que tinha que fazer alguma coisa para melhorar o ânimo da mãe, e como ela ama Great Yarmouth, é para lá que foram.

— Mas estamos em fevereiro — disse Poirot, irritado. — Ir a um balneário inglês em fevereiro é buscar sofrimento, não é?

Material com direitos autorais

Catchpool devia estar passando por momentos deploráveis, pensou Poirot. Ele deveria voltar a Londres imediatamente para que pudessem discutir a questão de Barnabas Pandy.

— Com licença, *monsieur* Poirot? *Monsieur* Hercule Poirot?

Uma voz hesitante interrompeu os pensamentos de Poirot, que se virou e avistou um homem elegantemente vestido sorrindo para ele como se estivesse tomado pela maior alegria do mundo.

— Hercule Poirot, *c'est moi* — confirmou ele.

O homem estendeu a mão.

— É um imenso prazer conhecê-lo — falou o sujeito. — Sua reputação é formidável. É difícil saber o que dizer a um homem tão formidável. Eu sou Dockerill, Hugo Dockerill.

Fee olhou desconfiada para o recém-chegado.

— Eu vou deixá-lo cuidar disso, então. Não se esqueça que o senhor prometeu me ajudar — avisou a garçonete para Poirot antes de deixar a mesa.

Ele assegurou a Fee de que não se esqueceria e, em seguida, convidou o homem sorridente para se sentar. Hugo Dockerill era quase completamente careca, embora ainda não tivesse 50 anos, supôs Poirot.

— Lamento muitíssimo abordá-lo desta maneira — disse Dockerill, parecendo alegre e nada arrependido. — Seu criado me informou que eu poderia encontrá-lo aqui. Ele me incentivou a marcar uma consulta para o final da tarde de hoje, mas estou muito ansioso para esclarecer o mal-entendido. Então eu disse a ele que preferia procurá-lo o quanto antes, e quando expliquei a natureza da questão, ele pareceu achar que

Material com direitos autorais

o senhor poderia querer *me* ver com urgência, e cá estou eu! — Hugo Dockerill gargalhou alto, como se tivesse contado uma anedota hilária.

— Mal-entendido? — disse Poirot.

Ele estava começando a se perguntar se talvez uma quarta carta... mas não, como poderia ser? Será que alguma pessoa, mesmo a mais entusiasmada e otimista, sorriria radiante em tais circunstâncias?

— Sim. Recebi sua carta há dois dias e... Bem, tenho certeza de que a culpa é toda minha e odiaria que o senhor pensasse que estou fazendo algum tipo de crítica ao senhor. Não estou criticando de maneira alguma — falou Hugo Dockerill. — Na verdade, sou um grande admirador do seu trabalho, pelo que ouvi sobre ele, mas... Bem, eu devo ter feito algo involuntariamente que lhe deu uma ideia errada. Por isso, peço desculpas. Eu às vezes fico um pouco confuso. Basta perguntar à minha esposa Jane, ela diria ao senhor. Planejei encontrá-lo imediatamente, depois que recebi sua carta, mas eu a perdi quase imediatamente...

— *Monsieur* — disse Poirot em tom severo. — A que carta o senhor está se referindo?

— Àquela sobre... Bem, sobre o velho Barnabas Pandy — respondeu Hugo Dockerill, sorrindo radiante com vitalidade renovada, agora que o nome crucial havia sido pronunciado. — Eu normalmente não ousaria insinuar que o incrível Hercule Poirot poderia estar errado sobre alguma coisa, mas neste caso... infelizmente, não fui eu. Achei que... bem, se o senhor pudesse me dizer o que o levou a acreditar que fui eu, talvez

Material com direitos autorais

nós dois pudéssemos esclarecer toda essa confusão. Como eu disse, tenho certeza de que o mal-entendido é totalmente culpa minha.

— O senhor diz que não foi o senhor, *monsieur*. O que não foi o senhor?

— A pessoa que assassinou Barnabas Pandy — respondeu Hugo Dockerill.

Após ter se declarado inocente de assassinato, Hugo Dockerill pegou um garfo sem uso do lugar em frente a Poirot e serviu-se de um pedaço do Bolo de Janela de Igreja de Fee Spring. Ou talvez fosse a fatia da receita roubada por Philippa; Poirot não conseguia mais lembrar qual era qual.

— O senhor não se importa, não é? — disse Dockerill. — É uma pena desperdiçar comida. Não conte para a minha esposa! Ela está sempre reclamando que eu tenho os modos de uma criança pobre. Mas nós, meninos, somos um pouco mais robustos quando se trata de encher a barriga, hein?

Poirot, horrorizado pelo fato de que alguém acharia tentadora uma fatia de bolo comida pela metade, fez um barulho educadamente genérico. Ele se permitiu refletir por um instante sobre semelhança e diferença. Quando muitas pessoas fazem ou dizem exatamente a mesma coisa, o efeito é o oposto do que se poderia esperar. Agora, duas mulheres e dois homens já haviam se apresentado para comunicar a mesma mensagem: que haviam recebido uma carta assinada em nome de Hercule Poirot em que eram acusados do assassinato de Barnabas Pandy. Em vez de ponderar as semelhanças entre os quatro

Material com direitos autorais

encontros, Poirot se via intrigado com as diferenças. Estava agora firmemente convencido de que, se alguém quisesse ver claramente como o caráter de uma pessoa divergia do caráter de outra, o método mais eficiente era colocar ambas em situações idênticas.

Sylvia Lay era egoísta e cheia de uma raiva movida por orgulho. Assim como John McCrodden, estava tomada por uma poderosa obsessão por uma pessoa em particular. Ambos acreditavam que Poirot provavelmente seguira a vontade daquela pessoa ao escrever as tais cartas, fosse o mandante Rowland "Forca" McCrodden ou o misterioso Eustace. A raiva de John McCrodden, pensou Poirot, era similar à raiva de Sylvia Lay, mas diferente: menos explosiva, mais duradoura. Ele não esqueceria, enquanto ela seria capaz de esquecer se um drama novo e mais premente ocorresse.

Dos quatro, Annabel Treadway era o caso mais difícil de entender. Ela não estava nada zangada, mas escondia alguma coisa. E estava angustiada, de alguma forma.

Hugo Dockerill foi o primeiro e único destinatário da carta a permanecer alegre diante da situação desagradável, e certamente o primeiro a demonstrar a crença de que todos os problemas do mundo poderiam ser resolvidos se as pessoas decentes ao menos se sentassem à mesa e resolvessem o que era preciso. Se Hugo Dockerill objetava ser acusado de assassinato, escondia isso bem. O sujeito ainda estava fazendo o melhor possível para dividir o rosto ao meio com um sorriso radiante e murmurar, entre bocados de Bolo de Janela de Igreja, que

Material com direitos autorais

lamentava muito se qualquer coisa que ele fez tivesse dado a impressão de que poderia ser um assassino.

— Não fique se desculpando — disse Poirot. — O senhor falou do "velho Barnabas Pandy" há um momento. Por que se referiu a ele dessa maneira?

— Bem, ele estava a caminho de fazer cem anos quando morreu, não?

— Então o senhor conheceu o *monsieur* Pandy?

— Eu nunca o conheci, mas sabia quem era, é claro. Por causa de Timothy.

— Quem é Timothy? — perguntou Poirot. — Eu tenho que explicar, *monsieur*, que a mensagem que o senhor recebeu não foi enviada por mim. Eu não conhecia nenhum Barnabas Pandy até ser visitado por três pessoas que receberam a mesma carta. E agora uma quarta: o senhor. Todas as missivas foram assinadas em nome de "Hercule Poirot" por um falsário. Uma fraude! Nenhuma delas foi enviada por mim. Eu não acusei ninguém de assassinar o *monsieur* Pandy que, creio eu, morreu de causas naturais.

— Puxa vida! — O sorrisão de Hugo Dockerill diminuiu um pouco enquanto os olhos se encheram de confusão. — Que complicação. É alguma brincadeira boba, então?

— Quem é Timothy? — perguntou Poirot novamente.

— Timothy Lavington, o bisneto do velho Pandy. Eu sou reitor de Timothy no internato Turville. Onde o próprio Pandy estudou, assim como o pai de Timothy, ambos Velhos Turvillianos. Como eu. A única diferença é que nunca saí de lá! — Dockerill deu uma risada.

Material com direitos autorais

— Entendo. Então o senhor conhece a família de Timothy Lavington?

— Sim. Mas, como disse, nunca conheci o velho Pandy.

— Quando Barnabas Pandy morreu?

— Eu não saberia informar a data exata, mas foi no final do ano passado, creio. Novembro ou dezembro.

Isso batia com o que Annabel Treadway dissera.

— Na sua posição de reitor de um internato, suponho que o senhor tenha sido informado de que o bisavô de um de seus alunos morreu?

— Sim, fui. Estávamos todos um pouco tristes em relação a isso. Ainda assim, o velho viveu muito e bem. Todos nós deveríamos ter essa sorte! — O sorriso alegre estava de volta ao lugar. — E se for preciso morrer, suponho que existam maneiras piores do que afogamento.

— Afogamento?

— Sim. O pobre e velho Pandy adormeceu na banheira e afundou na água. Afogado. Um acidente horrível. Nunca houve qualquer conversa sobre a morte ter sido por outro motivo.

Annabel Treadway havia falado sobre o avô adormecendo. Poirot supôs que isso significava que ele morrera naturalmente à noite porque ela não dissera nada sobre banheira ou afogamento. Annabel Treadway teria deliberadamente ocultado essa parte da história?

— Isso era o que o senhor acreditava até receber uma carta assinada em nome de Hercule Poirot? Que o *monsieur* Pandy se afogou na banheira, acidentalmente?

Material com direitos autorais

— É o que todo mundo acredita — respondeu Hugo Dockerill. — Houve um inquérito que deu como veredito morte acidental. Eu me lembro de ter ouvido Jane, minha esposa, ser solidária com o jovem Timothy. Acho que o inquérito deve ter errado, não é?

— O senhor está com a carta? — perguntou Poirot.

— Não, desculpe, não estou com ela. Como eu disse, perdi a carta. Perdi duas vezes, na verdade. Da primeira vez consegui encontrá-la, e foi assim que eu peguei seu endereço, mas depois ela se perdeu de novo. Procurei a maldita antes de vir para Londres, mas foi em vão. Espero que um dos nossos meninos não coloque suas luvas sujas nessa carta. Eu odiaria que alguém pensasse que sou acusado de assassinato, especialmente quando, como se vê, o senhor não me acusou de tal coisa!

— O senhor e sua esposa têm filhos?

— Ainda não. Estamos torcendo. Estou falando como reitor quando digo "nossos meninos". Nós temos setenta e cinco monstrinhos! Minha esposa é uma santa por aturar todos eles, isso eu sempre digo, e *ela* sempre diz que eles não são problema algum, e se é uma santa, é porque ela *me* atura. — Veio em seguida uma gargalhada previsível.

— Talvez o senhor possa pedir à sua esposa para ajudá-lo a procurar a carta pela casa? — sugeriu Poirot. — Até agora, nenhuma pessoa me trouxe a carta que recebeu. Seria muito útil se eu pudesse ver pelo menos uma.

— Claro. Eu deveria ter pensado nisso. Jane vai encontrar, não tenho dúvidas. Ela é tremenda! Tem talento para encontrar coisas, embora negue. Vive dizendo para mim: "Você

Material com direitos autorais

encontraria as mesmas coisas que eu, Hugo, se simplesmente abrisse os olhos e colocasse o cérebro para funcionar". A mulher é maravilhosa!

— O senhor conhece Annabel Treadway, *monsieur*?

O sorriso de Hugo se alargou.

— Annabel! Claro. Ela é tia de Timothy e, em relação a Pandy... o que ela seria? Deixe-me pensar. A mãe de Timothy, Lenore, é neta de Pandy, então... sim, Annabel era... er... Ela é irmã de Lenore, então... ela também era neta de Pandy.

Poirot suspeitava que Hugo Dockerill fosse uma das pessoas mais estúpidas que já havia conhecido na vida.

— Lenore geralmente anda acompanhada por Annabel e sua filha Ivy, irmã de Timothy, sempre que vai a Turville, então acabei conhecendo Annabel muito bem ao longo dos anos. Infelizmente, *monsieur* Poirot, *sente-se que lá vem história*, como se diz. Fiz um pedido a Annabel há alguns anos. De casamento, o senhor sabe. Eu estava bastante confuso. Ah, na época eu não era casado com minha esposa — esclareceu Dockerill.

— Fico feliz em saber, *monsieur*, que o senhor não fez um pedido de bigamia.

— O quê? Puxa vida, não. Eu era solteiro na ocasião. Foi estranho, na verdade. Até hoje não consigo entender. Annabel pareceu empolgada quando eu declarei minha intenção, e então, quase imediatamente, ela irrompeu em lágrimas e me recusou. As mulheres são volúveis, como todo homem sabe. Tirando Jane, é claro, que é tremendamente confiável. Mas ainda assim... ter dito "não" pareceu incomodar Annabel

Material com direitos autorais

terrivelmente. Tanto que sugeri a ela que mudar o "não" para um "sim" poderia fazê-la se sentir mais animada.

— Qual foi a reação dela?

— Um "não" concreto, infelizmente. Ah, bem, essas coisas tendem a se acertar da melhor maneira, não é? Jane é tão maravilhosa com nossos meninos. Annabel me garantiu quando me rejeitou que não teria tido o *menor jeito* com eles. Não sei por que achava isso, sendo tão dedicada a Timothy e Ivy como é. E Annabel realmente é como uma segunda mãe para eles. Eu me perguntei mais de uma vez se ela estava secretamente com medo de ter os próprios filhos, no caso de isso vir a enfraquecer sua ligação maternal com a sobrinha e o sobrinho. Ou talvez o grande número de garotos em minha casa tenha sido o que a desencorajou. Eles são como um rebanho de animais, às vezes, e Annabel é uma criatura tranquila. Mas então, como eu disse, ela adora o jovem Timothy, que está longe de ser o mais fácil dos garotos. Ele nos deu problemas ao longo dos anos.

— Que tipo de problemas? — perguntou Poirot.

— Ah, nada sério. Tenho certeza de que ele vai se tornar um adulto correto. Como muitos garotos de Turville, Timothy gosta demais de se autoelogiar, mesmo que não mereça. Às vezes, ele se comporta como se as regras da escola não se aplicassem a ele. Como se estivesse acima delas. Jane culpa isso... — Hugo Dockerill se interrompeu. — Opa! — Ele riu. — Não devo ser indiscreto.

— Nada que o senhor me disser sairá daqui — garantiu Poirot.

Material com direitos autorais

— Eu só ia dizer que, para a mãe dele, nada é culpa de Timothy. Certa vez, quando achei que tinha que castigá-lo por insubordinação porque Jane *insistiu*, eu é que acabei sendo castigado por Lenore Lavington. Ela não falou comigo por quase seis meses. Nem uma palavra!

— O senhor conhece um tal de John McCrodden? — perguntou Poirot.

— Não, infelizmente não. Deveria conhecer?

— E sobre Sylvia Lay?

— Sim, Sylvia eu conheço. — Hugo deu um sorriso radiante, feliz por poder responder afirmativamente.

Poirot ficou surpreso. Ele estava errado de novo. Não havia nada que Hercule Poirot achasse mais desconcertante. Ele supôs que houvesse dois pares, como os dois quadrados amarelos e dois quadrados cor-de-rosa em uma fatia de Bolo de Janela de Igreja: Sylvia Lay e John McCrodden, que não conheciam Barnabas Pandy e nunca ouviram o nome dele; e o outro par, os dois que conheceram Pandy ou pelo menos sabiam quem ele era, Annabel Treadway e Hugo Dockerill.

Incorretamente, Poirot imaginara que esses pares permaneceriam nitidamente separados, tão distintos quanto os quadrados do bolo. Agora, porém, a situação estava bagunçada: Hugo Dockerill conhecia Sylvia Lay.

— Como o senhor a conhece?

— O filho dela, Freddie, é aluno de Turville. Ele está no mesmo ano que Timothy Lavington.

— Quantos anos têm esses dois garotos?

Material com direitos autorais

— Doze, creio eu. Ambos estão na sexta série, de qualquer forma, e ambos moram na minha casa. Meninos muito diferentes. Meu Deus, não poderiam ser mais diferentes! Timothy é um mocinho popular e sociável, sempre cercado por uma multidão de admiradores. O pobre Freddie é um solitário. Acho que não tem amigos. Passa muito tempo ajudando Jane, na verdade. Ela é tremenda. "Nenhum garoto aqui ficará solitário se eu puder fazer alguma coisa por isso", Jane costuma dizer. E é sincera também!

Será que Sylvia Lay mentira sobre não conhecer Pandy?, Poirot se perguntou. Será que uma pessoa saberia, necessariamente, o nome do bisavô de um conhecido da escola de seu filho, particularmente quando os sobrenomes eram diferentes? O de Timothy era Lavington, não Pandy.

— Então madame Lay tem um filho que estuda na mesma casa que o bisneto de Barnabas Pandy — murmurou Poirot, mais para si mesmo do que para Hugo Dockerill.

— Puxa vida. Ela tem?

— Isso é o que nós estabelecemos, *monsieur*.

Talvez Hugo Dockerill tivesse dificuldade apenas com relacionamentos familiares. Com isso e saber o paradeiro de objetos, coisas como cartas importantes.

O sorriso de Dockerill diminuiu enquanto ele lutava para entender o que Poirot dissera.

— Um filho que... o bisneto de... Claro! Sim, ela tem. Ela tem sim!

Isso significava, pensou Poirot, que o caso não era tão simples quanto dois quadrados cor-de-rosa e dois amarelos;

Material com direitos autorais

não era um caso de pares. Três destinatários da carta poderiam estar ligados a Barnabas Pandy com mais certeza, e um, não. Ao menos não ainda.

Poirot estava interessado em duas perguntas: Barnabas Pandy tinha sido assassinado? E John McCrodden seria o elemento discrepante? Ou ele também estava ligado ao falecido Pandy de uma maneira que ainda não estava evidente?

Material com direitos autorais

Capítulo 5

Uma carta com um buraco

Escrevo este relato sobre o que Poirot mais tarde decidiu chamar de "O Mistério dos Três Pedaços" em uma máquina de escrever que tem uma letra "e" defeituosa. Não sei se alguém irá publicá-lo, mas caso esteja lendo uma versão impressa, todos os "e" estarão impecáveis. No entanto, é notável que no texto datilografado original há (ou devo dizer, para o benefício de futuros leitores, havia?) uma pequena lacuna branca no meio da barra horizontal de cada letra "e" — um buraco extraordinariamente minúsculo na tinta preta.

Por que isso é importante? Responder a essa pergunta imediatamente seria me adiantar na própria narrativa. Deixe-me explicar.

Meu nome é Edward Catchpool e sou inspetor da Scotland Yard. Também sou quem conta esta história. Não apenas a partir deste ponto, mas desde o começo, embora eu tenha sido ajudado por várias pessoas a preencher as partes do drama em que estive ausente. Sou especialmente grato aos olhos aguçados e à loquacidade de Hercule Poirot, que não deixa escapar nada quando se trata de detalhes. Graças a ele, acredito que eu não tenha mal representado, em qualquer sentido importante, os

Material com direitos autorais

acontecimentos que relatei até agora, todos ocorridos antes que eu voltasse de Great Yarmouth.

Quanto menos for falado da minha estadia irritantemente tediosa no litoral, melhor. O único ponto relevante é que fui obrigado a voltar a Londres antes do planejado (o leitor pode imaginar meu alívio) após a chegada de dois telegramas. Um de Hercule Poirot, que disse que precisava com urgência da minha ajuda e perguntou se eu poderia voltar imediatamente. O outro, impossível de ignorar, do meu superintendente da Scotland Yard, Nathaniel Bewes. Este segundo telegrama, embora não tivesse sido enviado por Poirot, era sobre ele. Aparentemente, Hercule Poirot estava "dificultando a vida", e Bewes queria que eu intervisse.

Fiquei comovido com a confiança injustificável do superintendente em minha capacidade de alterar o comportamento do meu amigo belga e, assim sendo, ao retornar ao gabinete de Bewes, sentei-me em silêncio e assenti em solidariedade enquanto ele extravasava o seu espanto. A essência do que estava em jogo parecia clara o suficiente. Poirot acreditava que o filho de Rowland "Forca" McCrodden era culpado de assassinato, tendo declarado isso em voz alta, e afirmava ser capaz de provar. O superintendente não gostou nada disso porque Rowland Forca era seu amigo e ele queria que eu convencesse Poirot a pensar o contrário.

Em vez de prestar atenção às várias expressões de repulsa ditas pelo superintendente, eu estava ocupado ensaiando a minha resposta. Será que devo dizer: "Não faz sentido em falar com Poirot sobre isso porque se ele está convicto de sua

Material com direitos autorais

descoberta, não vai me ouvir"? Não, isso me faria soar tanto truculento quanto derrotista. E, como Poirot queria falar comigo com urgência, presumivelmente sobre o mesmo assunto, decidi prometer ao superintendente que faria o melhor para que ele agissse de maneira sensata. Então, conversando com Poirot, eu descobriria por que ele acreditava que o filho de Rowland Forca era um assassino, quando aparentemente ninguém mais pensava o mesmo, e transmitiria suas ideias de volta para o superintendente. A situação parecia administrável. Não vi necessidade de atrapalhar o andamento das coisas no trabalho ao salientar que "ele é filho do meu amigo" não é prova de inocência, nem uma linha de defesa viável.

Nathaniel Bewes é, de maneira geral, um homem pacato, moderado e imparcial, mas muda imediatamente após acontecer algum episódio que o incomode de maneira especial. Nesses raros momentos, ele é incapaz de perceber que está muito angustiado e que seu estado emocional pode ter distorcido a perspectiva dos fatos. Como seu raciocínio é frequentemente muito sensato, ele supõe que sempre será assim e, portanto, está sujeito a fazer os pronunciamentos mais absurdos — coisas que, em seu estado de espírito calmo de sempre, o próprio seria o primeiro a chamar de idiotas. Assim que retorna à sanidade após um desses acessos, ele nunca se refere ao período durante o qual emitiu as declarações e diretrizes ridículas, e, até onde eu sei, ninguém mais toca no assunto também. Eu certamente não faço qualquer referência. Embora pareça fantasioso, não estou convencido de que o

Material com direitos autorais

superintendente normal esteja ciente da existência de seu congênere demente que ocasionalmente o substitui.

Demonstrando bom senso, assenti enquanto o substituto reclamava e rosnava, andando para lá e para cá no pequeno gabinete, empurrando os óculos de volta para a ponte do nariz pois escorregavam com uma frequência desconcertante.

— O filho de Rowly, um assassino? Absurdo! O sujeito é filho de Rowland McCrodden! Se você fosse filho de um homem como aquele, Catchpool, você escolheria assassinato como maneira de passar o tempo? É claro que não! Somente um tolo faria isso! Além do mais, a morte de Barnabas Pandy foi um acidente. Consultei o registro oficial do óbito e está tudo preto no branco, tudo claríssimo: *acidente!* O homem se afogou na banheira. Ele tinha 94 anos. Quer dizer, eu lhe pergunto, Catchpool. *Noventa e quatro!* Quanto tempo mais Barnabas Pandy viveria? Você arriscaria o pescoço para matar um homem de 94 anos de idade? É inacreditável. Ninguém arriscaria. Por que faria isso?

— Bem...

— Não pode haver motivo — concluiu Bewes. — Agora, não sei o que seu amigo belga acha que está aprontando, mas é melhor você deixar claro para ele, sem espaço para dúvidas, que ele deve escrever para Rowly McCrodden imediatamente e transmitir suas mais profusas desculpas.

Era evidente que Bewes tinha se esquecido de que ele também era amigo de Poirot.

Havia, é claro, muitas razões pelas quais alguém poderia assassinar um nonagenário: se ele tivesse ameaçado revelar para

Material com direitos autorais

o mundo um segredo vergonhoso da pessoa no dia seguinte, por exemplo. E Bewes – o verdadeiro Bewes, não seu *doppelgänger* desequilibrado – sabia tão bem quanto eu que alguns assassinatos a princípio são confundidos com acidentes. Crescer como o filho de um homem conhecido por ajudar a despachar canalhas para a forca poderia, possivelmente, deformar a psique de uma pessoa a ponto de ela decidir matar.

Eu sabia que não adiantaria falar nada disso ao superintendente naquele momento, embora, se estivesse com um humor diferente, o próprio Bewes teria dito os mesmos bons argumentos. Decidi arriscar apenas um pequeno desafio.

— O senhor disse que Poirot enviou esta carta de acusação ao filho de Rowland Forca, e não ao próprio Rowland?

— Bem, e se foi isso? — Bewes se voltou contra mim com raiva. — Que diferença isso faz?

— Quantos anos tem John McCrodden?

— Quantos anos? Do que diabos você está falando? A idade dele é importante?

— Ele é um homem ou um menino? — continuei pacientemente.

— Você perdeu o juízo, Catchpool? John McCrodden é um homem adulto.

— Então, não faria mais sentido eu pedir a Poirot que se desculpasse com *John* McCrodden, e não com o pai dele? Considerando que Poirot esteja errado e John McCrodden seja inocente. Quero dizer, se John não for menor...

— Ele já foi mineiro, mas não é mais — disse Bewes. — Ele trabalhou em uma mina em algum lugar no nordeste.

Material com direitos autorais

— Ah — falei, sabendo que a capacidade de meu chefe de entender o contexto retornaria mais rápido se eu dissesse o mínimo possível.

— Mas isso, Catchpool, é irrelevante. É com o pobre Rowly que precisamos nos preocupar. John está culpando o pai por toda essa bagunça. Poirot deve escrever para Rowly imediatamente e rastejar com todas as forças. Trata-se de uma acusação monstruosa, uma calúnia ultrajante! Por favor, cuide para que isso aconteça, Catchpool.

— Farei o melhor possível, senhor.

— Ótimo.

— O senhor poderia fornecer mais detalhes sobre o caso, senhor? Não creio que Rowland Forca tenha mencionado *por que* Poirot teve essa ideia de que...

— Como diabos eu deveria saber por que, Catchpool? O homem deve ter perdido o controle das faculdades mentais, é a única explicação em que consigo pensar. Você pode ler a carta por si mesmo, se quiser!

— O senhor está com ela?

— John rasgou a carta e enviou os pedaços para Rowly com um bilhete de acusação do próprio punho. Rowly colou os pedaços e passou a carta para mim. Não sei por que John acha que Rowly está por trás disso. Rowly joga limpo. Sempre jogou. O filho, logo ele, deveria saber disso. Se Rowly tivesse algo a dizer para John, diria diretamente.

— Eu gostaria de ver a carta, se possível, senhor.

Bewes foi até a escrivaninha, abriu uma das gavetas e fez uma careta ao retirar o item ofensivo e entregá-lo para mim.

Material com direitos autorais

— É o mais puro absurdo! — disse ele, caso eu não tivesse certeza de sua opinião sobre o assunto. — Lixo malicioso!

Eu quase disse "mas Poirot nunca é malicioso", mas me contive na hora certa.

Era uma carta curta, de apenas um parágrafo. No entanto, dado o que buscava comunicar, poderia ter metade do tamanho. De maneira confusa e simplória, a carta acusava John McCrodden do assassinato de Barnabas Pandy e alegava que havia provas para justificar a acusação. Se McCrodden não confessasse imediatamente, então a tal prova seria entregue à polícia.

Meu olhar parou na assinatura no pé da carta. Com uma caligrafia desleixada, estava escrito o nome *"Hercule Poirot"*.

Teria sido útil se eu conseguisse me lembrar da assinatura do meu amigo, mas não consegui, apesar de tê-la visto uma ou duas vezes. Quem quer que houvesse enviado a carta tentara copiar meticulosamente a caligrafia de Poirot. O que essa pessoa não fez, no entanto, foi conseguir soar como o homem, ou escrever o tipo de carta que ele poderia ter escrito.

Se Poirot acreditasse que John McCrodden havia assassinado Barnabas Pandy e tivesse sido bem-sucedido em fazer a morte passar como acidente, ele teria visitado McCrodden acompanhado pela polícia. Não teria enviado esta carta e dado a McCrodden a chance de escapar ou de tirar a própria vida antes que Hercule Poirot o encarasse nos olhos e explicasse a sequência de erros que levara ao seu desmascaramento. E o tom desagradável e insinuante... Não, impossível. Não havia dúvida para mim.

Material com direitos autorais

Não tive tempo de refletir sobre o efeito que minha revelação teria sobre o superintendente, mas achei que deveria informá-lo naquele instante:

— Senhor, a situação parece não ser exatamente o que eu... ou o que o senhor... Quer dizer, não tenho certeza de que um pedido de desculpas da parte de Poirot... — Eu estava metendo os pés pelas mãos.

— O que você está tentando dizer, Catchpool?

— A carta é falsa, senhor — falei. — Eu não sei quem a escreveu, mas posso dizer com certeza que não foi Hercule Poirot.

Material com direitos autorais

Capítulo 6

Rowland Forca

As instruções do superintendente foram claras: eu deveria encontrar Poirot imediatamente e pedir a ele que me acompanhasse à sede da firma de advogados de Rowland Forca, a Donaldson & McCrodden. Uma vez lá, nós deveríamos explicar que a carta enviada a John McCrodden não havia sido escrita por Poirot e pedir desculpas pela angústia causada por nenhum de nós.

Tendo já desperdiçado muitos dias em Great Yarmouth, eu tinha muito trabalho urgente para recuperar e fiquei descontente por ter sido atribuída a mim tal tarefa. Certamente, um telefonema de Bewes para Rowland Forca não teria sido suficiente? Os dois eram grandes amigos, afinal de contas. Mas não, o superintendente insistiu que McCrodden Sênior era um homem mais cauteloso do que o normal e que exigiria uma garantia de Poirot de que ele não havia escrito a carta ofensiva. Bewes queria que eu estivesse presente para que eu garantisse que o assunto havia sido resolvido satisfatoriamente.

Ao retornar para a Scotland Yard, descobri que Poirot estivera por lá perguntando por mim, e que até havia esperado um pouco, mas já tinha ido embora. Também não havia sinal do Superintendente Bewes, de modo que não pude perguntar a

Material com direitos autorais

ele como proceder. Arrisquei ir ao Café Pleasant's, mas Poirot também não estava lá. No final, exasperado, decidi visitar o escritório de advocacia de Rowland McCrodden sozinho. Pensei que ele preferiria saber o quanto antes que o filho não tinha sido acusado de assassinato por Hercule Poirot; a palavra de um inspetor da Scotland Yard deveria ser suficiente até mesmo para Rowland Forca.

A Donaldson & McCrodden Advogados ocupava os dois últimos andares de uma casa geminada alta com fachada de estuque na Henrietta Street, ao lado do Hotel Covent Garden. Fui recebido por uma jovem sorridente de rosto rosado e cabelo castanho-escuro curto e radicalmente geométrico. Ela usava uma blusa branca e uma saia xadrez que lembrava uma toalha de piquenique.

Apresentou-se como Miss Mason antes de fazer uma série de perguntas que me impediram de declarar a natureza da visita com a objetividade que eu poderia ter oferecido se tivesse sido perguntado "como posso ajudá-lo?" Em vez disso, uma quantidade absurda de tempo foi desperdiçada com "posso perguntar seu nome, senhor?", "posso perguntar com quem o senhor deseja falar?", "posso perguntar se o senhor tem uma hora marcada?", "o senhor pode informar o propósito de sua visita?" O método de investigação de Miss Mason garantiu que eu só conseguisse pronunciar duas palavras de cada vez, e o tempo todo ela olhava com indisfarçável lascívia para o envelope em minha mão, contendo a carta enviada por alguém a John McCrodden, acusando-o de assassinato.

Material com direitos autorais

Quando Miss Mason me conduziu por um corredor estreito ladeado por livros de Direito encadernados em couro, fiquei tentado a correr na direção oposta em vez de segui-la para qualquer lugar. Percebi — ninguém deixaria de perceber — que ela mais pulava do que andava, apoiada nos menores pés que eu já tinha visto na vida.

Chegamos a uma porta pintada de preto com o nome "Rowland McCrodden" grafado de branco. Miss Mason bateu, e uma voz grave disse:

— Entre!

Fomos recebidos por um homem de cabelo grisalho e encaracolado, uma extensão de testa vastíssima que parecia ocupar espaço demais no rosto e olhos negros miúdos, mais perto do queixo do que olhos deveriam estar.

Uma vez que McCrodden concordara em me receber, eu estava esperando poder iniciar a conversa imediatamente, mas não tinha levado em conta a capacidade da senhorita Mason de impedir o avanço. Seguiu-se uma tentativa frustrante de persuadir McCrodden a permitir que ela colocasse meu nome na agenda de reuniões.

— Qual seria o sentido disso? — perguntou McCrodden com óbvia impaciência. Sua voz era fina e aguda, me fazendo pensar num instrumento de sopro de madeira. — O Inspetor Catchpool já está aqui.

— Mas, senhor, a regra é que ninguém pode ser recebido sem hora marcada.

— O Inspetor Catchpool já foi recebido, Miss Mason. Cá está ele. *Você* o recebeu!

Material com direitos autorais

— Se o senhor está se encontrando com o Inspetor Catchpool, eu não deveria marcar uma consulta para, bem, *agora*, e registrá-la...?

— Não — Rowland McCrodden interrompeu a secretária no meio da pergunta. — Obrigado, Miss Mason, pode ir. Por favor, sente-se, inspetor...

Ele parou, piscou várias vezes e falou:

— O que foi, Miss Mason?

— Eu só ia perguntar, senhor, se o Inspetor Catchpool gostaria de tomar chá. Ou café. Ou talvez um copo d'água? Ou se, na verdade, o *senhor* gostaria de...

— Não para mim — respondeu McCrodden. — Inspetor?

Não consegui dar uma resposta imediatamente. Uma xícara de chá era exatamente o que eu queria, mas para isso seria necessário o retorno de Miss Mason.

— Por que o senhor não pensa um pouco, Inspetor Catchpool, e eu voltarei daqui a pouco e...

— Tenho certeza de que o inspetor é capaz de tomar uma decisão — disse McCrodden rapidamente.

— Nada para mim, obrigado — falei com um sorriso.

Finalmente, felizmente, Miss Mason se retirou. Eu estava determinado a não perder mais tempo, então tirei a carta do envelope, coloquei na mesa de McCrodden e informei que certamente não tinha sido escrita por Hercule Poirot. McCrodden perguntou como eu poderia ter certeza disso, e expliquei que tanto o tom quanto a mensagem não me deixavam dúvidas.

Material com direitos autorais

— Então, se Poirot não escreveu a carta, quem é o autor? — perguntou McCrodden.

— Infelizmente, não sei.

— Poirot sabe?

— Ainda não tive a chance de falar com ele.

— E por que alguém fingiria ser Hercule Poirot?

— Eu não sei.

— Então sua premissa, se assim posso dizer, está errada.

— Acho que não entendi o que senhor quer dizer — confessei.

— O senhor disse que estava aqui para esclarecer uma situação, e seu jeito sugere que o senhor agora acredita que ela foi esclarecida: Hercule Poirot não acusou meu filho de assassinato, portanto não tenho com o que me preocupar. Essa é a sua opinião?

— Bem... — Busquei a resposta correta. — Entendo que isso seja uma coisa perturbadora, mas se a acusação foi algum tipo de brincadeira, então eu não me preocuparia, se fosse o senhor.

— Discordo. Estou, para falar a verdade, mais perturbado agora. — McCrodden se levantou e foi até a janela. Fitou a rua por um momento antes de se mover dois passos para a direita e encarar a parede. — Quando pensei que fosse Poirot, eu estava confiante que haveria uma resolução adequada. Ele acabaria admitindo o erro, pensei. Ouvi dizer que ele é orgulhoso, mas também honrado e, mais importante de tudo, receptivo à razão. Poirot trata a personalidade como se fosse um fato concreto, me disseram. Isso é verdade?

Material com direitos autorais

— Ele certamente acredita que o conhecimento da personalidade é essencial para a resolução de crimes — respondi. — Sem conhecer o motivo, a pessoa não pode resolver nada e, sem entender a personalidade, o motivo é incognoscível. Também ouvi Poirot dizer que nenhum homem pode agir de maneira contrária à própria natureza.

— Então eu teria sido capaz de convencer Poirot de que John jamais cometeria assassinato, porque isso seria contrário aos princípios dele. A ideia é risível. Agora, no entanto, descubro que não é Hercule Poirot quem eu preciso convencer, já que ele não escreveu a carta. Além disso, sou capaz de chegar à conclusão inevitável de que o verdadeiro autor é um mentiroso, um falsário. Uma pessoa assim talvez não veja limites na missão de destruir meu filho.

McCrodden voltou rapidamente para a cadeira como se tivesse recebido uma ordem silenciosa da parede que esteve encarando.

— Preciso saber quem escreveu e enviou a carta — disse ele. — Isso é fundamental se quero garantir a segurança de John. Portanto, gostaria de contratar os serviços de Hercule Poirot. O senhor acha que ele concordaria em investigar por mim?

— Talvez, mas... não é de todo certo que o autor da carta acredite no que ele alega acreditar. E se tudo isso não passar de uma piada horrivelmente mal interpretada? Pode ser o fim do caso. Se seu filho não receber mais mensagens...

— O senhor é extremamente ingênuo se pensa assim — disse McCrodden, que pegou a carta e jogou em cima de mim; ela caiu no chão aos meus pés. — Quando alguém envia algo

Material com direitos autorais

assim, essa pessoa quer seu mal. Você a ignora por sua conta e risco.

— Meu superintendente informou que a morte de Barnabas Pandy foi um acidente — falei. — Ele se afogou enquanto tomava banho.

— Essa é a história, sim. Oficialmente, não há suspeita de que a morte tenha sido um assassinato.

— O senhor soa como se pensasse que poderia ter sido — falei.

— Uma vez que a possibilidade é levantada, temos o dever de considerá-la — disse McCrodden.

— Mas a probabilidade é que Pandy não tenha sido assassinado, e o senhor diz que seu filho nunca poderia cometer um assassinato, então...

— Entendo — disse McCrodden. — O senhor acha que tudo isso se trata de uma cegueira paternal intencional? Não, não é isso. Ninguém conhece John melhor do que eu. Ele tem muitos defeitos, mas não é assassino.

Ele havia me entendido mal; eu simplesmente quis dizer que, como ninguém estava procurando por um assassino envolvido com a morte de Pandy, e uma vez que ele sabia que o filho era inocente, McCrodden realmente não tinha nada com o que se preocupar.

— O senhor deve ter ouvido que sou um grande defensor da pena de morte, certo? Eles me chamam de "Rowland Forca". Não ligo para o apelido, e ninguém ousaria dizê-lo na minha presença. Agora, se me chamassem de "Rowland Sociedade Justa e Civilizada Para a Proteção do Inocente"... Infelizmente é

Material com direitos autorais

quase um trava-língua. Tenho certeza de que o senhor concorda, inspetor, que todos nós devemos ser responsáveis por nossas ações. Não preciso falar sobre o Anel de Giges de Platão. Discuti isso com John muitas vezes. Fiz tudo que foi possível para incutir valores adequados nele, mas falhei. Ele é tão ardorosamente contra tirar uma vida humana que não apoia a pena de morte até mesmo para os monstros mais depravados. John argumenta que eu sou tão assassino quanto um pecador sanguinário que corta uma garganta em um beco por causa de alguns xelins. Assassinato é assassinato, diz ele. Então, como pode ver, ele nunca se permitiria tirar a vida de outra pessoa. Isso faria John parecer ridículo aos próprios olhos, o que seria intolerável para ele.

Assenti, embora não estivesse convencido. Minha experiência como inspetor de polícia havia me ensinado que muitas pessoas são capazes de gostar excessivamente de si mesmas, não importando os crimes hediondos que cometeram. Elas se importam apenas com a forma como são vistas pelos outros e se podem se safar.

— E, como o senhor diz, ninguém além do nosso nefasto escritor de cartas parece pensar que a morte de Pandy foi ilegal — prosseguiu McCrodden. — Pandy era um homem extremamente rico, dono da Mansão Combingham e ex-proprietário de várias minas de ardósia no País de Gales. Foi assim que ele fez fortuna.

— Minas? — Eu me lembrei da conversa com o superintendente e do mal-entendido menor/mineiro. — Seu filho John não costumava trabalhar em uma mina?

Material com direitos autorais

— Sim. No norte, perto de Guisborough.

— Não no País de Gales, então?

— Nunca no País de Gales. O senhor pode deixar essa ideia de lado.

Fiz o melhor possível para parecer que assim fizera.

— Pandy tinha 94 anos quando se afogou na banheira — continuou McCrodden. — Ele era viúvo havia sessenta e cinco anos. Ele e a esposa tiveram uma única filha, uma moça que se casou e teve duas meninas antes de morrer, junto com o marido, em um incêndio doméstico. Pandy tomou conta das netas órfãs, Lenore e Annabel, que moram na Mansão Combingham desde então. Annabel, a mais nova, não é casada. A irmã mais velha, Lenore, se casou com um homem chamado Cecil Lavington. Eles tiveram dois filhos, Ivy e Timothy, nessa ordem. Cecil morreu de uma infecção há quatro anos. Isso é tudo que consegui descobrir e nada disso é interessante ou sugere quais passos devem ser dados a seguir. Espero que Poirot possa fazer melhor.

— Pode não haver nada para descobrir — falei. — Eles podem ser uma família bastante comum, sem nenhum histórico de assassinato.

— Há muita coisa para descobrir — me corrigiu McCrodden. — Quem escreveu a carta e por que ele ou ela cismou com meu filho? Até que saibamos essas coisas, nós, que fomos acusados, continuamos envolvidos.

— O senhor não foi acusado de nada — argumentei.

— O senhor não diria isso se tivesse visto o bilhete que John anexou à carta! — Ele apontou para o chão, onde a carta ainda

Material com direitos autorais

estava aos meus pés. — Ele me acusou de convencer Poirot a escrevê-la, de modo que John não teria escolha a não ser estudar Direito para se defender.

— Por que ele acha que o senhor faria tal coisa?

— John acha que eu o odeio, o que não é verdade. No passado, posso ter criticado a maneira como meu filho leva a vida, mas apenas porque quero que ele prospere. John parece desejar o oposto para si mesmo. Ele desperdiçou todas as oportunidades que lhe dei. Uma das razões pelas quais sei que ele não pode ter matado Barnabas Pandy é que John não tem disposição sobrando. Toda a sua má vontade é dirigida a mim, equivocadamente.

Eu fiz um barulho educado torcendo que expressasse compaixão.

— Quanto mais cedo eu puder falar com Hercule Poirot, melhor — disse McCrodden. — Espero que ele consiga ir ao fundo dessa questão desagradável. Há muito tempo perdi a esperança de mudar a opinião de meu filho sobre mim, mas gostaria de provar, se puder, que não tive nada a ver com essa carta.

Material com direitos autorais

Capítulo 7

Um velho inimigo

Enquanto eu estava nos escritórios da Donaldson & McCrodden na Henrietta Street, Poirot também se encontrava na sede de uma firma de advocacia: Fuller, Fuller & Vout, a uma curta distância de Drury Lane. Desnecessário dizer que eu não sabia disso na ocasião.

Frustrado por sua incapacidade de me encontrar, meu amigo belga se pôs a descobrir tudo o que podia sobre Barnabas Pandy, e quase a primeira coisa que ele tomou conhecimento foi que Pandy tinha sido representado em todos os assuntos de natureza legal por Peter Vout, sócio principal da firma.

Poirot, ao contrário de mim, marcou uma hora — ou melhor, seu criado, George, fizera isso para ele. Poirot chegou pontualmente e foi levado ao escritório de Vout por uma moça menos intrusiva do que Miss Mason, da firma de Rowland McCrodden. Ele tentou esconder o choque quando viu a sala em que o advogado trabalhava.

— Bem-vindo, bem-vindo — disse Vout ao se levantar da cadeira para apertar a mão da visita. Vout tinha um sorriso envolvente e cabelos brancos como a neve que se eriçavam e se enrolavam em tufos aleatórios. — O senhor deve ser Herc-*ule* Poir-*ot*... falei certo?

Material com direitos autorais

— *C'est parfait* — falou Poirot em tom de aprovação.

Raro, na verdade, era um inglês que soubesse pronunciar tanto o nome quanto o sobrenome de Poirot corretamente. Seria apropriado, no entanto, sentir admiração por qualquer homem que conseguisse trabalhar em condições como aquelas? A sala era uma visão extraordinária. Ela era grande, com cerca de seis metros por quatro e um pé direito alto. Na parede à direita, havia a grande escrivaninha de mogno e a cadeira de couro verde de Vout. Diante delas, estavam duas poltronas de espaldar alto de couro marrom. No lado direito, em um terço da sala, havia também uma estante, um abajur e uma lareira. Sobre o consolo da lareira, acima do fogo, havia um convite para um jantar da Ordem dos Advogados.

Os outros dois terços do espaço disponível eram ocupados por caixas de papelão desmazeladas em uma pilha alta, uma sobre a outra, formando um edifício enorme e irregular que era de tirar o fôlego pelo aspecto grotesco. Teria sido impossível dar a volta ou andar entre as caixas. Efetivamente, a presença da pilha reduzia o tamanho da sala a um nível que qualquer pessoa sã acharia intolerável. Muitas das caixas estavam abertas, transbordando de coisas: papéis amarelados, porta-retratos quebrados, panos velhos com manchas de sujeira. Além da gigantesca estrutura feita de caixas, havia uma janela de onde pendiam faixas de um material amarelo-claro que não tinham a menor chance de cobrir o vidro em frente ao qual estavam penduradas.

— *C'est le cauchemar* — murmurou Poirot.

Material com direitos autorais

— Noto que o senhor viu as cortinas. — O tom de Vout era de desculpas. — Seria possível tornar esta sala mais atraente para os olhos se elas fossem substituídas. São muitíssimo antigas. Eu teria mandando uma das moças do escritório arrancá-las, mas, como o senhor pode ver, ninguém consegue alcançar.

— Por causa das caixas?

— Bem, minha mãe morreu há três anos. Há muita coisa para organizar, e eu ainda nem fiz incursões a essas caixas, infelizmente. Nem todas contêm as posses da mamãe, fique o senhor sabendo. Muito do conteúdo é a minha própria... parafernália. — Ele parecia muito feliz com a situação. — Por favor, sente-se, *monsieur* Poirot. Como posso ajudar?

Poirot se acomodou em uma das poltronas disponíveis.

— O senhor não se importa de trabalhar aqui, com... a parafernália? — insistiu ele.

— Noto que o senhor está fascinado com isso, *monsieur* Poirot. Imagino que o senhor seja um daqueles sujeitos que gosta que tudo esteja nos devidos lugares, não é?

— Com toda certeza sou, *monsieur*. Tenho excessivo apreço por arrumação. Preciso estar em um ambiente arrumado para pensar de forma clara e produtiva. O senhor não?

— Eu não vou permitir que algumas caixas velhas me incomodem. — Vout riu. — Eu já nem percebo mais as caixas. Vou encará-las em algum momento. Até lá... por que deixar que me preocupem?

Com uma pequena contração das sobrancelhas, Poirot abordou o assunto que tinha vindo tratar. Vout lamentou a

Material com direitos autorais

morte do velho e querido amigo Barnabas Pandy e relatou a Poirot os mesmos fatos que Rowland McCrodden estava (talvez naquele exato momento) me contando: minas de ardósia no País de Gales; Mansão Combingham; duas netas, Lenore e Annabel; dois bisnetos, Ivy e Timothy. Vout também ofereceu um detalhe sobre Barnabas Pandy que esteve ausente do relato de Rowland Forca: ele mencionou o fiel e antigo criado, Kingsbury.

— Kingsbury era uma espécie de irmão mais novo de Barnabas. Ele se sentia mais como membro da família do que como criado, embora sempre fosse muitíssimo meticuloso na realização de suas tarefas. Naturalmente, Barnabas tomou providências para que ele tivesse tudo que precisasse. Uma herança...

— Ah sim, o testamento — disse Poirot. — Eu gostaria de ouvir sobre ele.

— Bem, não vejo que mal faria contar para o senhor. Barnabas não se importaria, e a questão testamentária era muito simples. Era exatamente o que se esperaria, na verdade. Mas... posso perguntar por que o senhor está interessado?

— Foi sugerido a mim, indiretamente, que *monsieur* Pandy foi assassinado.

— Ah, entendo. — Vout riu e revirou os olhos. — Assassinato, hein? Não, nada disso. Barnabas se afogou. Adormeceu dentro da banheira, submergiu e, infelizmente... — Ele não enunciou a conclusão óbvia.

— Essa é a história oficial. No entanto, foi levantada a possibilidade de que a morte tenha sido engendrada para

Material com direitos autorais

parecer um acidente, quando na verdade foi proposital.

Vout balançava a cabeça enfaticamente.

— Uma completa tolice! Meu Deus, esse sujeito está espalhando boatos a torto e a direito, hein? Ou essa moça, não sei. Em geral são as mulheres que gostam de fofocar. Nós, rapazes, somos sensatos demais para desperdiçar nosso tempo criando problemas.

— O senhor tem certeza, então, de que a morte de *monsieur* Pandy foi acidental? — perguntou Poirot.

— Impossível ter sido mais acidental.

— Como o senhor pode afirmar isso com tanta convicção? Esteve presente no banheiro quando ele morreu?

Vout pareceu ofendido.

— Claro que eu não estava no banheiro com ele! Não estava lá de maneira alguma! O homem morreu no dia sete de dezembro, certo? Minha esposa e eu estávamos no casamento do meu sobrinho naquele dia, por acaso. Em Coventry.

Poirot sorriu educadamente.

— Apenas quis sugerir que, se o senhor não esteve no ambiente quando ele morreu, e nem na Mansão Combingham, então não está em posição de dizer definitivamente que a morte de *monsieur* Pandy foi acidental. Se alguém tivesse entrado de mansinho no banheiro e o empurrado para baixo d'água... Como o senhor sabe que isso aconteceu ou não se estava em um casamento em Coventry?

— Simplesmente porque conheço a família — acabou dizendo Vout, com uma expressão preocupada. — Somos bons amigos. Eu sei quem estava na mansão quando a tragédia

Material com direitos autorais

ocorreu: Lenore, Annabel, Ivy e Kingsbury, e posso garantir que nenhum deles teria levantado um dedo contra Barnabas. A ideia é impensável! Eu testemunhei a dor da família em primeira mão, *monsieur* Poirot.

Poirot falou para si mesmo as palavras *"c'est ca"*. Sua suspeita estava correta. Vout era uma daquelas pessoas que só acreditavam em coisas como assassinato, maldade e todos os tipos de dissabores sérios quando estes não o afetavam pessoalmente. Se lesse em um jornal que um maníaco havia cortado cinco integrantes da mesma família em pedacinhos, Vout não questionaria. Porém, se uma pessoa sugerisse a Vout que um homem que ele considerava amigo poderia ter sido assassinado, ela nunca conseguiria persuadi-lo de que isso era possível.

— Por favor, conte-me sobre o testamento de *monsieur* Pandy — pediu Poirot.

— Como eu disse, Kingsbury ficou com uma boa quantia: o suficiente para viver bem pelo resto de seus dias. A casa e a propriedade foram deixadas em fideicomisso para Ivy e Timothy, no entendimento de que Lenore e Annabel podem continuar a viver lá pelo resto de suas vidas. Todo o dinheiro e outros bens, que são muitos, foram para elas. Cada uma é agora, por legítimo direito, extremamente rica.

— Então, uma herança pode fornecer um motivo — argumentou Poirot.

Vout suspirou impacientemente.

— *Monsieur* Poirot, por favor, ouça o que estou tentando lhe dizer. Simplesmente não há circunstância...

Material com direitos autorais

— Sim, sim, estou ouvindo. A maioria das pessoas presumiria que um homem de 94 anos morreria razoavelmente em breve. Mas e se alguém precisasse de dinheiro imediatamente... se esperar um ano tivesse consequências terríveis para essa pessoa...

— Estou lhe dizendo que o senhor está batendo na porta errada, homem! — Houve um temor nos olhos e na voz de Vout. — Eles são uma família adorável.

— O senhor é um bom amigo deles, *monsieur* — lembrou Poirot gentilmente.

— Totalmente! Sou mesmo! O senhor acha que eu manteria uma amizade com a família de um assassino? Barnabas não foi assassinado. Eu posso provar. Ele... — Vout parou. Um novo tom de rosa impregnou as bochechas.

— Qualquer coisa que puder me dizer será de grande ajuda — falou Poirot.

Vout parecia chateado. Tendo dito algo que não pretendia, agora lhe faltava o desembaraço para sair da situação de maneira engenhosa.

— Bem, suponho que não fará mal se eu lhe contar. — Vout suspirou. — Não consigo deixar de pensar que Barnabas sabia que ia morrer. Estive com ele pouco antes da morte e... bem, ele parecia saber que seu tempo estava chegando ao fim.

— O que lhe deu essa impressão?

— A última vez que o vi, me pareceu que Barnabas havia tirado um grande peso dos ombros. Era como se estivesse em paz. Ele sorriu de um modo especial, fez certas observações indiretas sobre precisar resolver determinados assuntos *naquele*

Material com direitos autorais

momento, antes que fosse tarde demais. Fiquei com a impressão de que ele achava que a morte era iminente, e acabou sendo mesmo, infelizmente.

— *Dommage* — concordou Poirot. — Ainda assim, é melhor enfrentar o fim inevitável com a alma em paz, não é? Que assuntos o *monsieur* Pandy queria resolver?

— Hmm? Ah, havia um homem que tinha sido seu... bem, seu *inimigo*, se a palavra não soar exagerada. Vincent Lobb era o nome do sujeito. Em nosso último encontro, Barnabas anunciou que desejava enviar uma carta para ele e sugeriu que os dois talvez pudessem se reconciliar.

— Um desejo súbito de perdoar um velho inimigo — murmurou Poirot. — Isso é interessante. Se alguém não desejasse essa paz... A carta para *monsieur* Lobb chegou a ser enviada?

— Chegou — respondeu Vout. — Eu disse a Barnabas que achava a iniciativa excelente, e ele mandou a carta naquele mesmo dia. Não sei se recebeu uma resposta. Apenas alguns poucos dias depois ele... faleceu. Muito triste. Mesmo que aos 94 anos já tivesse vivido bem! Suponho que uma resposta possa ter chegado depois da morte de Barnabas, mas acho que Annabel ou Lenore teriam me dito.

— Qual era a causa da animosidade entre os *messieurs* Pandy e Lobb? — perguntou Poirot.

— Infelizmente, não posso ajudá-lo nessa questão. Barnabas nunca me contou.

— Agradeceria se o senhor pudesse me contar sobre a família — disse Poirot. — Eles eram... Eles são felizes na

Material com direitos autorais

Mansão Combingham?

— Ah, sim, muito felizes. Muito mesmo. Lenore é uma fortaleza. Tanto Annabel quanto Ivy a admiram imensamente. Annabel adora os filhos de Lenore, e seu amado Hopsctotch, é claro. O cachorro é uma figura! Uma fera que ama pular e lamber as pessoas! Teimoso, fique sabendo, mas muito carinhoso. E quanto ao jovem Timothy, o menino vai longe. Possui uma mente sagaz e muita determinação. Posso vê-lo sendo primeiro-ministro um dia. Barnabas sempre dizia isso. "Esse menino pode ser qualquer coisa que se propuser a ser", repetia com frequência. "Qualquer coisa." Barnabas era dedicado à toda a família, e a família a ele.

— O senhor realmente descreve a família perfeita — disse Poirot. — No entanto, esse tipo de família não existe. Deve ter havido algo que não se encaixava no ambiente perfeito.

— Bem... Eu não diria... Quero dizer, obviamente a vida nunca existe sem infelicidades, mas na maioria das vezes... Como eu falei antes, *monsieur* Poirot: são as mulheres que gostam de fofocas difamatórias. Barnabas amava a família, e Kingsbury, e era correspondido por eles. É tudo que tenho a declarar. Como não há dúvida de que a morte dele não passa de acidente, não vejo razão para me aprofundar na vida privada de um homem bom e na de sua família em busca de trechos desagradáveis.

Vendo que Vout enfim se fechara, Poirot agradeceu a ajuda e foi embora.

— Mas há mais a ser revelado — disse ele para ninguém em especial, de pé na calçada de Drury Lane. — Certamente há

Material com direitos autorais

mais coisas, e vou descobrir. Nenhum trecho desagradável escapará de Hercule Poirot!

Material com direitos autorais

Capítulo 8

Poirot passa algumas instruções

Encontrei Poirot esperando por mim no meu gabinete quando voltei à Scotland Yard. Parecia perdido em pensamentos, murmurando silenciosamente consigo mesmo. A aparência era impecável como sempre, os notáveis bigodes parecendo particularmente bem cuidados.

— Poirot! Finalmente!

Despertado do devaneio pelo susto, ele ficou de pé.

— *Mon ami* Catchpool! Onde esteve? Há uma questão que eu gostaria de discutir com você que está me causando muita consternação.

— Deixe-me adivinhar — falei. — Uma carta assinada em seu nome, embora não tenha sido escrita ou enviada por você, acusando o filho de Rowland McCrodden, John, do assassinato de Barnabas Pandy.

Poirot pareceu perplexo.

— *Mon cher*... De alguma forma, você sabe. Vai me dizer como, tenho certeza. Ah, mas você diz "carta", não "cartas"! Isso significa que você não está ciente das outras?

— Outras?

— *Oui, mon ami*. Cartas enviadas a Mrs. Sylvia Lay, a Miss Annabel Treadway e a Mr. Hugo Dockerill.

Material com direitos autorais